

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEFONES: 2.0271, 2.0272 e 2.0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: 80 CENTAVOS



DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR

Vinte e cinco anos no Governo da Nação

O chefe do Estado pronunciou perante a assembleia de deputados e procuradores a sua mensagem de elogio ao dr. Oliveira Salazar

O palácio de São Bento vestiu hoje as suas melhores galas por motivo da sessão extraordinária da Assembleia Nacional consagrada ao sr. presidente do Conselho. Muito antes da hora marcada para o começo da cerimónia, já era difícil circular nas imediações. Um batalhão da Marinha e outro da G. N. R. formavam em frente do Palácio onde começou a registar-se um movimento desusado, a partir das 14 e 30.

As figuras mais representativas dos nossos meios civis e militares começaram a chegar com intervalos de poucos minutos, a partir das 14 e 45. Não é possível dar uma nota completa de nomes, mas, se se disser que compareceram o cardinal patriarca de Lisboa, todos os membros do Governo — a excepção do sr. presidente do Conselho — todos os em-

(Continua na página central)

Um Homem e a Nação

Na hora em que a maioria dos povos se interroga, a fim de ver claro, na incerteza do dia de amanhã, Portugal mantém intacta a sua confiança no futuro, disposto a trabalhar e a lutar, na linha traçada há séculos, por gerações de combatentes e de crentes. A sua consciência não vacila, porque nunca lhe faltou nem coragem para bater-se nem inteligência para desafogar-se dos graves problemas que tem de resolver, na hora própria.

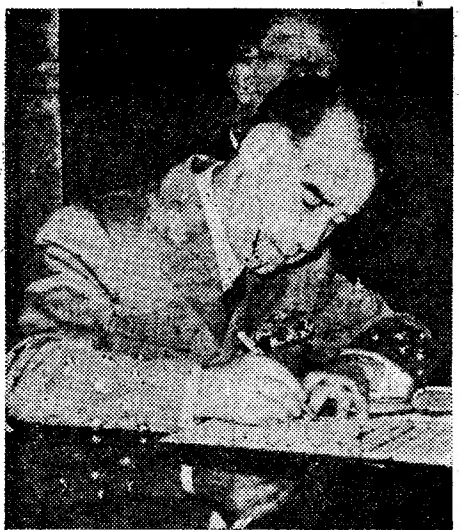
Houve, porventura, alguma época em que os acontecimentos o surpreendessem, tão desprevidamente que ele deixasse cair os braços, no desânimo e na fadiga?

A apagada e vil tristeza, de que fala o Poeta, nunca lhe roubou o coração magnânimo nem lhe apagou, na alma, a luz candida das grandes esperanças que nos aquecem e iluminam. Os homens de ontem encontram sempre, no génio da raça, uma sucessão escolhida e honrosa. O presente, mesmo nas suas horas inquietas, responde pelo passado e pelo porvir, continuando daquele no que tinha de modelar e vivendo este de sujeições humilhantes.

Por que motivo a Nação se congrega hoje, em roda de Salazar, aclamando-o como sustentáculo das virtudes que a história consagrou?

Porque se move tamanha multidão, vinda de perto e de longe, animada pelo ardente desejo de exaltar a Pátria, num homem que a serve e a honra?

Podemos ter o orgulho do que fomos, do que somos e até do que havemos de ser, disto não nos apaixonamos por ideais que não correspondam inteiramente ao nosso sangue, ao nos-



O sr. general Craveiro Lopes ao assinar o auto da entrega do novo edifício

(Continua na página seguinte)

O chefe do Estado presidiu ao acto da entrega do novo Hospital Escolar pelo Ministério das Obras Públicas ao do Interior

O primeiro acto oficial das comemorações do 25.º aniversário da entrada do sr. prof. dr. Oliveira Salazar foi a entrega do grande Hospital Escolar de Lisboa pelo Ministério das Obras Públicas ao do Interior. Quis-se assim deixar assinalada nesta data o facto com a maior realização material, no capítulo de edificações, que se tem feito no País e a qual está directamente ligado o nome do sr. presidente do Conselho, não só pela circunstância de ser levado a efeito pelo Governo da sua presidência, mas também porque o ponto de partida desta obra foi uma nota oficiosa assinada pelo sr. prof. dr. Oliveira Salazar. Foi, com efeito, na nota que publicou em 27 de Julho de 1933, que o problema dos hospitais escolares de Lisboa e Porto foi posto, com os dados justificativos da sua necessidade e todas as indicações relativas à decisão que o Governo anunciava de promo-

ver as construções. Soube-se logo que o assunto fora motivo de largas conversas entre o já então chefe do Governo e o professor Francisco Gentil, que havia muito acalentava a ideia de dotar a Faculdade de Medicina de um hospital escolar capaz de desempenhar a sua função, de harmonia com o prestígio de que aquela escola gozava e com a necessidade do seu desenvolvimento. Os dois professores teriam debatido largamente o assunto, durante o período em que o dr. Oliveira Salazar esteve imobilizado por motivo do acidente que sofreu no Ministério das Finanças e de que resultou uma grave fractura e o eminente cirurgião conseguiu facilmente conquistar para a sua causa o futuro presidente do Conselho.

Depois de analisar o problema hospitalar português, com a citação de alguns números elucidativos, o chefe do Governo apresentava,

como primeira necessidade, «a construção imediata de um grande hospital-faculdade, com a lotação de 1.500 camas».

Quase vinte anos volvidos sobre a publicação desta nota oficiosa, é esse edifício de excepcionais proporções, motivo de um dos números do programa com que se celebram as «Bodas de Prata» do professor dr. Oliveira Salazar no Governo.

A cerimónia oficial

O acontecimento revestiu-se da maior solenidade, com a presidência do chefe do Estado, membros do Governo e outras altas individualidades.

O sr. general Craveiro Lopes chegou ao novo Hospital Escolar às 10 e 20. Depois de passar

(Continua na página central)



O chefe do Estado, na presidência da Assembleia Nacional, entre os srs. prof. Marcelo Caetano e dr. Albino dos Reis

A mensagem do chefe do Estado

O presidente da República, que foi recebido com uma calorosa salva de palmas, leu na Assembleia Nacional a seguinte mensagem:

—Quando alguém escrever as páginas da História de Portugal, narrando os acontecimentos que tiveram lugar nos meados deste século, dirá que no dia 27 do mês de Abril de 1953, reuniram as duas Camaras no Palácio da Assembleia Nacional, com a assistência distinta dos representantes dos países amigos, da Igreja e da Nação. No largo fronteiro e nas ruas que a ele concorrem uma multidão se aglomerava com os seus estandartes e bandeiras, gente vinda de todas as partes do Mundo, onde pulsa e vibra um coração português. Haviam-se ali reunido — em S. Bento — para render tributo de gratidão a um grande Português, que em muitos anos de esforçado labor, entregando-se por completo ao serviço da Pátria, realizara obra extraordinária e duradoura. E também ficará registado, certamente, que a Nação, ao cumprir este dever, mostrou dignidade cívica e patriotismo.

Será a verdade: viemos hoje aqui para honrar a pessoa ilustre do Doutor António de Oliveira Salazar, presidente do Conselho de Ministros e dizer-lhe quanto é grande o nosso reconhecimento e alta a nossa admiração, pelos

serviços prestados a Portugal em 25 anos de Governo.

Não vou alongar-me a descrever o seu trabalho, a evocar a grandeza do seu sacrifício. Apenas, breves palavras para recordar.

Com a entrada do professor Salazar para o Ministério das Finanças, em 1928, em pouco tempo se modificou o panorama financeiro do País, pela imposição de regras administrativas, de que resultou a saudável posição das contas públicas, base sólida em que assenta toda a obra de reconstrução nacional.

O prodígio das «boas contas» realizou-se e de tal forma o processo foi seguro que ainda hoje, passados tantos anos que deixou a pasta das Finanças, o sistema se mantém com inalterável rigor.

Bem confirmadas ficaram então as suas qualidades de administrador e financeiro da mais alta competência e saber. Vem a guerra de Espanha e mais além ainda a segunda guerra mundial, em que o presidente Salazar, através de dificuldades sem numero, fixa com tal acerto e coragem, a posição do País perante aqueles conflitos, que as vantagens dela resultantes ultrapassaram o exclusivo âmbito das conveniências nacionais.

Que sucederia na Península, e quicá na Europa, se não fora a ajuda moral e material concedida à Espanha, nos momentos em que os seus melhores filhos se batiam e morriam gloriosamente para conservar intactas as tradições e as suas liberdades? (Aplausos prolongados).

Passados os acontecimentos, é fácil, muito fácil, ter opinião segura quanto à forma de melhor proceder em tal emergência; mas decidir-se — e bem — quando tudo é nebuloso e incerto, é virtude reservada apenas aos homens que a Providência consagrou e esclareceu.

Nos anos críticos que marcou o último conflito mundial, mercê da sua inteligência e da habilíssima apreciação dos factos, o presidente Salazar conseguiu para Portugal a posição que mais convinha, sem que resultasse agravamento dos compromissos que nos ligavam a nações amigas.

As mulheres portuguesas não podem esquecer aquele que, sem a mais ligeira quebra para o brio nacional, conseguiu evitar que os seus maridos e os seus filhos fossem lançados na

(Continua na 10.ª página)

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Um Homem e a Nação

(Continuação da página anterior)

so pensamento e a realidade espiritual de fé que nos inspira e guia. Salazar não é um mero caso de êxito pessoal, pois existe nele o que, fundamentalmente, constitui a Nação—a força que resiste aos fados, o entusiasmo que levanta as massas, o poder de criar e construir, a dedicação religiosa a tudo que é belo, nobre e redentor.

Quem o pode exceder na dignidade da sua vida, na consciência das suas responsabilidades e na inteireza austera do seu carácter? Enquanto tantos gritam aos céus e à terra que os seus inigualáveis serviços pedem altas recompensas e consagrações memoráveis, ele é o exemplo vivo da isenção que se contenta com pouco e que mesmo desse pouco tira a satisfação bastante para redobrar no seu zelo por novos cometimentos.

Quanto é deve-o a si próprio que firmemente se arredou das paragens onde as paixões imperam e os interesses vis mandam desobedecidamente. Viveu mais consigo do que com os outros — o que nos explica a razão primeira do seu esforço, no campo político e social, retocando o que era imperfeito ou assentando, entre quimeras mortas ou moribundas, o alçar que suas mãos ergueram.

Por toda a parte, o seu nome é citado com a admiração que suscitam os varões insignes. Quando as glórias efêmeras, como as estrelas em noites procelosas, sobem e logo descem, sumindo-se sem deixar rasto, Salazar, após vinte e cinco anos de exaustivas canseiras, não acusa nem velhice nem desilusão.

Em certo sentido, é o primeiro jovem de Portugal que dá a todos o exemplo do amor e da fé que superam impavidamente as pedras do caminho e as areias do deserto.

Há 30 anos

As esperas de touros

O «Diário de Lisboa» anunciava no dia 27 de Abril de 1923 que iam reviver as antigas esperas de touros com motivo da corrida de 3 de Maio, promovida pelos Padrões da Guerra. Os touros eram esperados na Póvoa de Santo Adrião por tudo quanto em Lisboa se interessava por touradas. A cabeça do gado, o lavrador, de Vila Franca, e a seguir inúmeros cavaleiros e aficionados a cavalo e em trens. Preparavam-se descantes e guitarradas e festas rijas pelos tascos próximos. «Vai ser uma tarde de alegria, constando que, se não se derem desastres graves, continuará a realizar-se sempre a espera de gado».

Novo ingrediente para facilitar o barbear-se

Tem agora à sua disposição uma maravilhosa substância que substitui a lanolina, amacia a barba, refresca a pele e protege-a.

A ciência descobriu há pouco um novo ingrediente para barbear, que permite que a água humedeça melhor e amacie a barba, logo que o tenha espalhado sobre a pele. — é o Extracto de Lanolina.

Por ser eficaz, o extracto de lanolina faz com que a barba o absorva agora melhor e mais rapidamente, facilitando assim o barbear. Além disto, actua como suavizante e reduz o ardor ao mínimo.

Não pretendemos exagerar as suas vantagens; porém, afirmamos que o Creme para barbear Williams de Luxo, pelas qualidades que lhe dá o Extracto de Lanolina, reduz ao mínimo a irritação que o barbear produz na pele.



Decida-se: Compre um tubo hoje mesmo!

BOX

A fúria ou a Ciência? os estilos antagónicos de Júlio Neves e Rafael da Silva

NO PROPÓSITO de procurar subsídios de valor à volta de apaixonada discussão sobre os estilos de Júlio Neves e Rafael da Silva — dois dos melhores pugilistas de sempre — temos o prazer de publicar um criterioso artigo do distinto jornalista inglês STANLEY NORRIS, que acedendo à solicitação, nos oferece, na verdade, uma bela produção não só de acentuado brilho literário como de elevadas considerações de ordem técnica.

Em todas as manifestações da vida há indivíduos que agem sob impulsos generosos de voluntariedade fremente de entusiasmo e indivíduos que põem nos seus actos um cálculo frio, profundamente raciocinado, numa habilidade natural ou aproveitada em grande escala das coisas científicas.

No desporto, pronunciadamente no box, os temperamentos desempenham papel de grande evidência, mas é impossível, senão mesmo utópico, idealizar um tipo comum, a que necessariamente todo e qualquer «boxeur» devia obedecer.

Como os dedos da mão são diferentes, assim em cinco pugilistas vão encontrar-se características diversas que formam estilos distintos.

Contudo, apesar de se saber que nem dois irmãos gémeos são exactamente iguais, no box pretende-se, á viva força, no espírito dos seus adeptos, criar o melhor estilo. A luta é tremenda, porque entram em jogo, em declarações mais ou menos exaustivas, todos os técnicos, antigos campeões, críticos — esgotando as dialecticas mais rebuscadas em primores literários.

Entre a América do Norte — a grande forja do box — e a Europa — velho solar de tradições gloriosas — o despique tem assumido proporções extraordinárias de viva paixão, pretendendo uns e outros a supremacia incontestável nos domínios de técnica do box. Mas ainda não se chegou a uma conclusão, porque com regularidade, como os alcátruzes da nora, os dois estilos antagónicos sucedem-se em alternativa de superioridade.

Na minha longa actividade jornalística, em frequente contacto com homens de todas as raças, dos temperamentos mais bizarros, pilhas nervosas incandescentes ou poços gelados, tenho verificado que é difícil, senão mesmo im-

possível, fixar ou determinar a excelência deste ou daquele estilo.

Por exemplo — e porque o assunto interessa aos apaixonados portugueses — não posso deixar de falar de Rafael da Silva, que vi combater em França e Inglaterra, e de Júlio Neves que através do cinema, em rápidas imagens de um documentário apressado, vi lutar e de quem tenho aliás referências seguras de Claude Rittter.

Estamos na presença de dois temperamentos distintos, de duas raças diferentes de duas concepções da técnica da arte de bem boxar.

Enquanto Júlio Neves — apolíneo atleta — põe em acção os átomos mais recônditos de uma energia formidável como um vulcão projectando para a atmosfera a sua lava de fogo, Rafael da Silva morfologicamente vulgar — age sob um método excessivamente pensado, dentro da norma epicurista do «máximo proveito no menor esforço».

Sabemo-lo todos que em desporto a técnica desempenha o principal papel, mas não ignoramos também que o ímpeto, a força, o entusiasmo, a coragem são condições absolutamente essenciais para que o praticante desportivo, neste caso o «boxeur», possa fazer valer os seus trunfos.

Por isso, solicitado a pronunciar-me sobre esta apaixonante discussão da fúria (Júlio Neves) ou da ciência (Rafael da Silva) com o meu modesto parecer não tenho outro intuito senão o de defender como absolutamente legítimos todo e qualquer estilo desde que o pugilista se sinta bem dentro dele.

Exigir de um «boxeur» de natureza psíquica sossegada os rompanes de um mar embravecido é o mesmo que pedir a uma terra fertilizante searas simultâneas de trigo e centeio.

Exigir de um «boxeur» de natureza psíquica efervescente nuances de astúcia mecanizada, de técnica refinada, é o mesmo que pedir a um motor eléctrico o máximo de produção... sem trabalhar.

STANLEY NORRIS

* * *

Este depoimento do nosso camarada britânico, de grande oportunismo, vai decerto ser objecto de viva discussão, por parte dos adeptos dos nossos dois «boxeurs».

Não tomamos partido por nenhum deles, porque também pensamos nos alcátruzes da nora.

Por isso, aguardemos com viva ansiedade a sessão internacional do próximo dia 5 em que Júlio Neves e Rafael da Silva defrontam respectivamente os franceses Menozzi e Clausener.

Quem brilhará mais: a força ou a ciência?

Morte de 8 crianças num incêndio

SAULT SAINTÉ MARIE (CANADÁ), 27—Morreram queimadas 8 crianças num incêndio que destruiu ontem uma casa de madeira em Tarentorus, perto de Sault Sainte Marie, provocado por um fogão de lenha que caiu durante a noite. — (R.).

TÁGIDE

NA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA
APRESENTAÇÃO SENSACIONAL
DE

UMA DAS MAIORES ATRACÇÕES MUNDIAIS
DO MUSIC-HALL!

Largo da Biblioteca, 19

Telef. 35327



Alextex

PADRÕES EXCLUSIVOS COM
GARANTIA DE QUALIDADE

A VENDA NO SEU ALFAIATE
E BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

Evite
trate

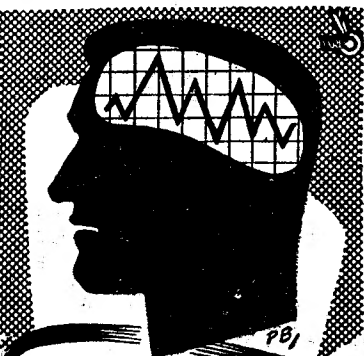
gripes

tomando

imediatamente

NEO-BEPROL

COMPRIMIDOS



O PRAZER
DE PENSAR

não se consegue sem um consumo de energia. Estudantes, escritores, engenheiros, artistas, homens de negócios, directores de grandes empresas... todos, enfim, que submelem o seu cérebro ao prazer de pensar, necessitam de agiliade, destreza e rapidez para que a sua profissão não se converta numa tortura. Tudo isso lhe proporciona o ácido glutâmico — base de Fosgluten.

A VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

FOSGLUTEN
RECONSTITUINTE CEREBRAL

Fabricado por INTESA, Madrid
Distribuidor, ALTER, Lisboa

Pudins

Os Pudins instantâneos
d'A Mariazinha

de
Baunilha e de Chocolate
São diferentes de tudo
quanto se possa preparar em pudins.

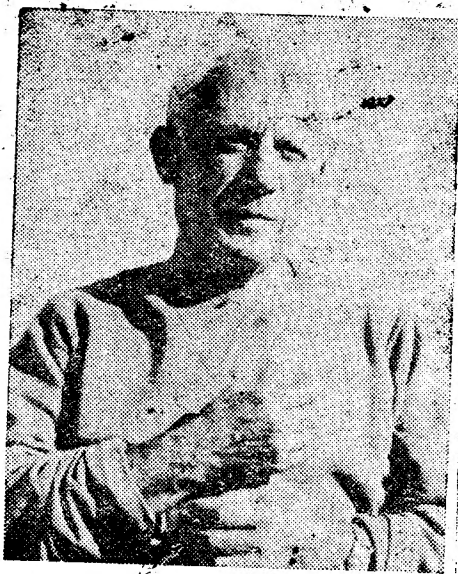
É a melhor e mais económica sobremesa.

A Mariazinha

Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

CALÇADO

De todos os tipos e para todos os preços
na maior liquidação de todos os tempos.
R. dos Fanqueiros, 266 (Esquina de St.ª
Justa)



Picasso viu «O Caminho da Esperança», o premiadíssimo filme de Pietro Germi, e ficou tão entusiasmado com a interpretação de Rai Vallone que o convidou a passar umas férias curtas no refugio que possui nas Antilhas, um velho palácio do século XVI que era conhecido como sendo o Museu Grimaldi e que hoje se designa comumente por Museu Picasso. Dissemos acima, que «O Caminho da Esperança» é um filme premiadíssimo. Recordemos que teve os seguintes trofeus: Prémio Selznick consagrando o melhor filme europeu do ano; «Urso de Prata», grande prémio do Festival de Berlim; o Prémio Roma. O comunicado oficial do júri do Prémio Roma acentua que a distinção foi concedida a «O Caminho da Esperança» por se tratar de uma obra de contextura cordial e dramática, de uma compreensiva humanidade, facto que o publico de Lisboa vai constatar a partir de amanhã no São Luis.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Será no Teatro Nacional de Luanda que a companhia do Teatro da Trindade inicia a sua digressão por Africa.

—Por se considerarem irremovíveis as dificuldades impostas á deslocação da companhia e da orquestra, não puderam realizar-se em Aveiro e Braga espectáculos de ópera, como era desejo das empresas dos respectivos teatros.

—Continua doente, embora tenha sentido ligeiras melhoras, o popular «regisseur» do Coliseu, François França.

—Alzirinha Camargo está indicada para desempenhar a «comière» da revista que apenas será desempenhada por um elenco feminino.

—Consta que ficou ontem assente que a revista «Eva no Paraíso» será representada no Teatro Variedades e que o empresário Giuseppe Bastos ficará com a sua companhia de revistas no Teatro Avenida.

—O actor Renato Paulo continuará no elenco da companhia do Trindade, participando do desempenho da peça «Chuva» em ensaios naquele teatro.

—O artista brasileiro Almeida está indicado para desempenhar o «compère» da nova revista «Aqui é que está o gato».

—Dará amanhã um espectáculo em Tomar a companhia de comédias Vasco Santana.

—A actriz brasileira Solange França, que fixou residência em Portugal, pretende reaparecer numa companhia de declamação, que está a actuar num teatro de Lisboa.

«As Pupilas do Senhor Reitor»

e «Ribatejo»

Hoje, um grandioso programa duplo de cinema, com dois grandes filmes portugueses

Ir ao Coliseu é ter bom gosto. Ir ao Coliseu é ter a certeza de assistir a bons espectáculos. Hoje, os dois grandes filmes portugueses «As Pupilas do Senhor Reitor», extraído de uma das mais belas obras de Julio Diniz e «Ribatejo», um filme que nos revela toda a alma e todo o heroísmo dos homens da lezíria e da Borda d'Agua.

Ópera no Coliseu

Estreia, quinta-feira, com «Palhaços» e «Cavalleria Rusticana», da Grande Companhia Lirica. Romano Roma, o maior barítono da actualidade



Romano Roma

O Coliseu tem a honra de anunciar ao publico que conseguiu contratar para a sua companhia de Opera Italiana, que quinta-feira, ali se estreia, com «Palhaços» e «Cavalleria Rusticana», o célebre barítono Romano Roma, o maior da actual geração lirica, voz soberba, de acentos maravilhosos, em rajada de ouro, torrente de emoção, admirável nos «smorzandos», um caso unico, que vai surpreender todo o publico; Grande Orquestra Sinfónica Nacional, regida pelos ilustres maestros Ino Savini e Rino Castagnino. «Palhaços» e «Cavalleria Rusticana» serão, respectivamente, interpretadas pelas divas Ondina Otta e Lidia Serafini —prodígios do canto, consagradas em todo o Mundo.

Imagem do dia

O EDEN e o TIVOLI apresentam esta noite o maior êxito dos ultimos tempos no Mundo: «DON CAMILO». Trata-se dum filme verdadeiramente excepcional, realizado por DUVI- VIER e magnificamente interpretado por FERNANDEL e GINO CER- VI. O publico vai ficar impressionado com «DON CAMILO» —temos a certeza. É incomparável. Pode ser visto por todas as pessoas com mais de 13 anos.

Solenidades de hoje fora de Lisboa

PORTO, 27. (Pelo telefone)—Os 25 anos do Governo do sr. dr. Oliveira Salazar são comemorados com várias cerimónias apresentando a cidade um aspecto festivo e ouvindo-se constantemente o estalar de foguetes. Nos edificios publicos e particulares flutuam bandeiras, e das janelas de muitos predios pendem colgaduras. As ruas são percorridas por bandas de musica.

Esta manhã, no regimento de Artilharia Pesada 2, da Serra do Pilar, foi disparada uma salva de 21 tiros. Na escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, foi inaugurada uma exposição de trabalhos sobre a vida e a actividade do sr. presidente do Conselho.

A tarde haverá uma sessão solene na Câmara, durante a qual usará da palavra o presidente do Município, engenheiro José Vaz e o sr. conde de Aurora.

COIMBRA, 27. (Pelo telefone)—Em prosseguimento das comemorações do 25.º aniversário da entrada do sr. dr. Oliveira Salazar para o Governo da Nação, foram esta manhã queimadas numerosas grandes de foguetes, enquanto cinco bandas de musica percorriam a cidade.

Às 11 horas, na capela da Universidade, ce-

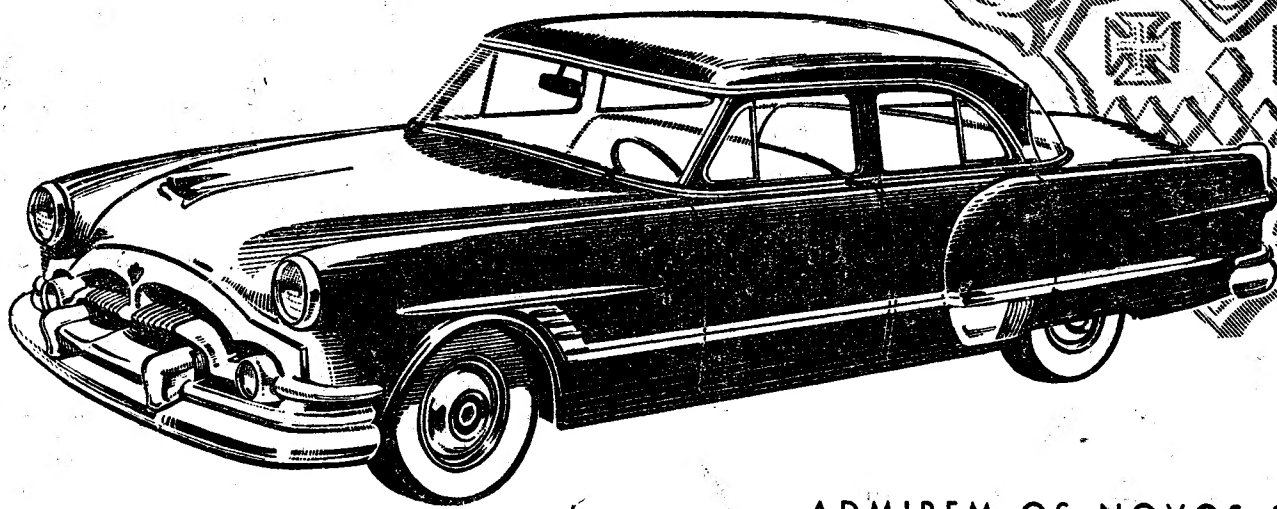
(Continua na 14.ª página)

Cariso Ftoril
TEL. 750

HOJE — SEGUNDA-FEIRA, 27
no «WONDER-BAR»
depois das 20,30 horas
JANTARES e CEIAS
— BAILE —
com o magnifico conjunto musical
VIEIRA PINTO executará durante o jantar um escolhido programa de concerto

Consumo minimo 40\$00
incluidas todas as taxas

O EQUILÍBRIO E A PUREZA DE LINHAS DOS PACKARD, SÃO JÁ TRADICIONAIS. OS NOVOS MODELOS 1953, SÃO AINDA MAIS REQUINTADOS, CONFORTÁVEIS E ELEGANTES



ADMIREM OS NOVOS E DESLUMBRANTES

PACKARD

DISTRIBUIDORES

MOCAR, L^{DA}

AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR, 19^a • SERVIÇO • OFICINAS • PEÇAS • R. D. LUIZ DE NORONHA, 40^a



Amanhã
à noite
festa
artística
de

CARLOS RAMOS
NO RESTAURANTE-TÍPICO
"O FAIA"

em virtude da sua próxima partida
para o Brasil
Leia o anúncio de amanhã com o
programa definitivo e marque as me-
sas que restam

R. da Barroca, 48-56 - Telef. 29387 - LISBOA

Leiam o jornal humorístico
"SEMPRE FIXE"

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Hoje, às 21 e 30, última representação
a preços popularíssimos

A MENINA TONTA

Quarta-feira, 19, estreia da peça
"O REGENTE"

HOJE
MAIS DUAS
ESTREIAS
DE SENSACÃO!

A NOVIDADE DE QUE TODOS FALAM!... O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO!

A ORQUESTRA SUL-AMERICANA DE MAIOR PRESTÍGIO NA ACTUALIDADE

ANDRÉS CAÑAS Y SUS MARIMBAS

UMA ATRACÇÃO PAGA A PESO DE OURO EM TODO O MUNDO!

PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL...

UM GRANDE ÉXITO DE PARIS E LONDRES

MAX ET LILY

EXTRAORDINÁRIA PARLHA ACROBÁTICA

A INSINUANTE ARTISTA

MERCHE DE ARCO

em admiráveis canções

E, AINDA, EM TRIUNFO:

A esbelta bailarina

FELI SUAREZ

em criações do mais fino
quiltado clássico

A esplendida parelha

REIS Y CASTRO

em danças clássicas espanholas

A brilhante vedeta

TANIA MAY

em bailes
maravilhosos

**ROSITA ISART, ORISA DANTÈS, PILARIN OTERO, Ballet BRISAS DE
ESPAÑA, SARITA MONTÉZ e CARMENCITA ROIG**



MÚSICA DE BAILE PELA DINÂMICA
ORQUESTRA

TROPICAL BOYS
com o concurso vocal de
MARIO DE JESUS

Mestre Valença e Stuart

Os dois maiores nomes da caricatura
nacional, mestre Valença e Stuart Carva-
lhais, colaboram exclusivamente para o
semanário humorístico "SEMPRE FIXE",
nunca a sua graça se esgota.

SENSACIONAL

HOJE, às 9,45

LUTA LIVRE AMERICANA

Estádio Internacional

PARQUE MAYER

Recinto coberto

GRANDIOSO COMBATE

DE FEROCIDADE INIGUALÁVEL

SALUDES

contra

GASNIER

"TIGRE DE ALFARA"

BELGA, desleal e grande lutador

MAX DEGOMME

ÍDOLO DE PORTUGAL

LOBO DA COSTA

ESTILISTA PORTUGUÊS

CONTRA

CONTRA

MATEUS

DURO E VALENTE

SOUSA NEVES

FINALISTA DO CAMPEONATO DO MUNDO

GRIFOL (Espanhol) contra FORDSON (Sul-americano)

Bilheteiras — No Parque Mayer e Restauradores
Espectáculo para adultos

Teatro MONUMENTAL

HOJE, MATINÉE às 18,15
e à noite DUAS SESSÕES
às 20,45 e 22,45, com a grande
revista do ano

Viva o Luxo!

enorme êxito de Laura, Ire-
ne, António Silva, M. San-
tos Carvalho, Barroso Lo-
pes e Assis Pacheco, á
frente de uma grande com-
panhia

(Para adultos)

TEATRO AVENIDA

2 SESSÕES ÀS 20,45 e 22,45

SÓ MAIS 3 DIAS

DA EXTRAORDINÁRIA
REVISTA

CARROSSEL

VIENENSE

ULTIMAS E DEFINITIVAS
REPRESENTAÇÕES

ESPECTACULO PARA ADULTOS



Armando Dias

LUSO

Animador: Modesto Maia
QUE APRESENTA—Au-
rora Sobral, Cidalisa do
Carmo, Natalina Proença,
Linha Santos, Joaquim
Silveirinha, Armando Dias,
Carlos de Oliveira, Cam-
arinha e Pedro Leal.
5.ª Feira — VARIEDA-
DES — FADOS — BRINDES — CONCUR-
SOS — ETC.

SEXTA-FEIRA — LINHARES BARBOSA
—Apresenta os melhores artistas do Teatro, Ra-
dio e Radio, entre eles a grande vedeta.

HERMINIA SILVA

RESERVAM-SE MESAS

TRINDADE

Telef. 20000

ULTIMA SEMANA

TODAS AS NOITES ÀS 21,45

ALMA FLORA

NA ENGRAÇADA COMÉDIA

FEITIÇO

Para maiores de 13 anos
PREÇOS POPULARES

EM ENSAIOS "CHUVA"

ADEGA MESQUITA
RUA DO "DIÁRIO DE NOTÍCIAS", 107 — TELEF. 28307



ÊLES AQUI ESTÃO!

E' êste o elenco privativo cá da casa

Aproveitando a estadia em Lisboa de inúmeros admiradores da canção nacional, tanto
da Província como do Império Português, a Adega Mesquita dedica-lhes a noite de hoje com
uma sessão especial de Fados pelos consagrados artistas: ESTELA ALVES, MARIANA
SILVA e FERNANDO FARINHA. Variações pelos famosos e distintos intérpretes RAUL
NERY e JOAQUIM DO VALE, que todas as noites arrebatam a assistência em vibrantes
aplausos.

O RECLAME DA COZINHA DA TIA ADELINA é feito pelos próprios clientes.
Almoços, jantares e ceias até às 3 e 30 da madrugada.



No domingo, 3 de Maio

Um cartel da mais ex-
traordinária sensação!

8 Toiros de Pinto Barreiros

PARA OS DISTINTOS CAVALEIROS

José Rosa Rodrigues

e D. Francisco de Mascarenhas

DOIS GRANDES MATADORES DE TOIROS

Diamantino Viseu

o português que primeiro tomou a alternativa e a confirmou em Madrid

CALERITO

o valeroso e finíssimo triunfador da Feira de Sevilha

Forçados Amadores de Coruche de que é cabo José Luís da Silva

A bilheteira dos Restauradores, 7 abre na próxima 5.ª feira

OLIMPIA CLUB com a grande estrela
de baile clássico

de um êxito sem igual **ROSSI VIVES** com as artistas
CARMEN VEGA — LOLITA GALVO

CARMEN ROGER — MARY FERRI e a vocalista MILITA MARTIN

A sensacional Orquestra **ROYAL JAZZ** com Abreu Moreira

CEIE no nosso RESTAURANTE, entrada pela rua dos Condes, 9

Sob a direcção artística da popular
vedeta do Tecto, da Rádio e do Fado **EMILIA CANDEIAS**

Fados, Descantes e Guitarradas pelos mais populares artistas

DOIS GRANDES ARTISTAS



LAURENCE OLIVIER

JENNIFER JONES
na maravilhosa produção de
WILLIAM WYLER
ENTRE DUAS

LÁGRIMAS

UM FILME SUBLIME PARA
TODO O PÚBLICO!

4.ª FEIRA NO

IMPÉRIO

E' UM FILME PARAMOUNT

HERMINIA

APOLO

A's 20,30 e 22,45
A GRANDE REVISTA
DAS MIL GARGALHADAS
LISBOA ANTIGA
com Herminia Silva
e um valioso elenco
(PARA ADULTOS)

CRISTAL

BAR-DANCING DA MODA

HOJE ♦ SENSACIONAL ESTREIA
3 AUTÊNTICAS ATRACÇÕES INTERNACIONAIS

**ALZIRINHA**

E O SEU CONJUNTO

**JUANITA CUENCA**

A VOZ ROMANTICA DE ESPANHA

**CANELINA**

A MULATA DE FOGO

E AINDA LINA ET JACK ♦

TRIO CORDOBA ♦

LEYLA MORANDI ♦

LUISITA BRINGAS

MAYTE PASTOR ♦

ESTRELITA ALCAZAR

ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ

E A ORQUESTRA HARLEM-JAZZ COM O CANTOR RICARDO SANTOS

5.ª**E****TRIUNFAL
SEMANA!****NO MARIA VITORIA**

EM 2 SESSOES

A's

20,45 e 23 N.

COM A REVISTA POPULAR DE EXITO RETUMBANTE

CANTIGAS Ó ROSA!

Um espectáculo apresentado por Eugénio Salvador

UM VERDADEIRO TRIUNFO DE
ORIGINALIDADE, GRAÇA, LUXO E BOM GOSTO!!!
Uma grande REVISTA por um novo grande elenco!!!

ESPECTACULO PARA ADULTOS

A jovem actriz Maria do Carmo na
deliciosa canção do «Alecrim»**Cartas dos Cinemas**

ESTREIAS DE HOJE:

DOM CAMILO**EDEN
TIVOLI**

Telef. 27172

HOJE, às 21.30, Despedida
da sensacional história
de amor**Coração Ingrato**com Carla del Poggio, Frank
Lanimore e Gabriel Fajzetti

(Para maiores de 18 anos)



Telef. 20768

HOJE, às 21.30, estreia de
clamoroso êxito universal**Dom Camilo**com Fernand e Gino
Cervi

(Para maiores de 13 anos)

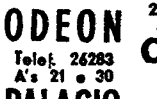


Plat. 64153-Bol. 64154

A's 15.15-18.15-21.30

Acredito em tiUm eco dos desvarios da
adolescência, com Cecil
Parker e Celia Johnson.

(Para maiores de 18 anos)



Telef. 24283

A's 21 e 30



Telef. 47143

A's 21 e 30

2.ª semana da mais espirituosa
comédia de todos os tempos
**O professor
diverte-se**com Walter Chiari, Anna Maria
Ferrero e Carlo Campanini

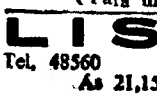
(Para maiores de 18 anos)



TEL. 27493

A's 21.30 - Em despedida
O vibrante filme italiano
O rebelde de Nápolescom Massimo Serrate e Anna
Maria Ferrero

(Para maiores de 13 anos)



Tel. 48560

A's 21,15

Luz nas trevas
Sejamos alegres

(Para maiores de 13 anos)



Telefone 50595

(Para maiores de 13 anos)

A's 21.30 - ÊXITO TOTAL!

A sensacional obra prima de
mistério, amor e emoção
O PRITICO DO PANTANO(col.) com Jean Peters e Jeffrey
Hunter

(Para maiores de 13 anos)



A's 15.15-18.15-21.30

Telef. 22523

(Para maiores de 13 anos)

4.ª Semana Triunfante

O homem tranquiloo extraordinário técnico
com JOHN WAYNE, Maureen
O'Hara e Barry
Fitzgerald

(Para maiores de 13 anos)



TEL. 55191

A's 15.30 e às 21.30

4.ª e última semana

CHAIMITEFilme de JORGE BRUM DO
CANTO, com Artur Semedo, Ma-
ria Mayer e Augusto Figueiredo

(Para maiores de 13 anos)



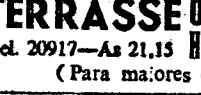
Telef.: Plateia 55134

Balcões 55135

Hoje, às 21.30:

**A ÚLTIMA
REPORTAGEM**Extraordinária epopeia
dum reporter, c. Hower
Duff e Brian Donlevy

(Para maiores de 18 anos)



Tel. 20917-A's 21,15

O correio de interno
História de uma alma

(Para maiores de 18 anos)



A's 21.30

A chama da Arábia

com Maureen O'Hara

(Para maiores de 15)



TECIDOS EXCLUSIVOS

DE ALTA QUALIDADE



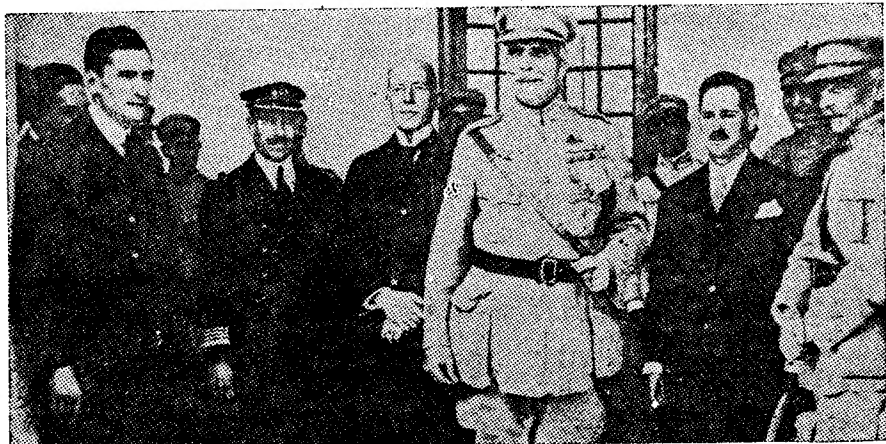
Continua a apresentar as últimas NOVIDADES em

SEDAS, RENDAS e ALGODÕES**PARA PRIMAVERA e VERÃO**

Rua Garrett, 76/78 — Telef. 29101-33439 — LISBOA

A carreira do sr. dr. Oliveira Salazar

que, numa vida inteira de trabalho, consagrou ao serviço exclusivo da Nação um quarto de século da sua existência



Pela primeira vez no Governo, com *Carmona*, *Mendes Rodrigues*, *Gomes da Costa*, *Mendes dos Remedios* e o almirante *Cabeçadas*

Quando, em 27 de Abril de 1928, faz hoje precisamente um quarto de século, o professor Oliveira Salazar assumiu, em condições difíceis, a direcção da pasta das finanças, pode dizer-se que o seu nome, que tão grande notoriedade nacional e prestígio internacional havia de alcançar mais tarde—era apenas conhecido de um número reduzido de individualidades, recrutadas sobretudo nos nossos meios universitários. Gozava então de reputação merecida de um mestre ilustre que dava quotidianamente, em Coimbra, o exemplo do seu amor ao estudo, da sua capacidade de trabalho invulgar e da sua rara isenção política.

Do seu passado, da sua infância, vivida numa vila distante da Província, e da sua mocidade consumida no estudo e na meditação, quase nada se sabia. E, no entanto, esse passado constituía, só por si, uma indicação do pensamento e das directrizes que animariam o novo titular da pasta das finanças na realização dos seus planos que excediam, em muito, o âmbito de uma reconhecida competência técnica e de uma especialização universitária.

Natural de uma aldeia da Beira Alta, filho de uma modesta família de lavradores, fizera os primeiros estudos na escola da sua terra e ingressara, a seguir, no seminário de Viseu, a fim de seguir a carreira eclesiástica. De 1900 a 1908, os primeiros anos ainda tranquilos deste século, frequentou o seminário onde recebeu as noções de algumas disciplinas que ali se professavam e modelou o espírito num disciplina que, mais tarde, havia de servir-lhe pela vida fora, como elemento seguro de calma, de reflexão e confiança em si próprio.

Os conhecimentos que adquirira e a sua natural propensão para o ensino levaram-no, antes de terminar o curso do seminário que frequentava, a dedicar-se ao magistério num colégio particular. Assim tomou, muito novo, contacto com a mocidade escolar do seu tempo, auscultou as suas aspirações, conheceu as suas tendências, viveu a sua ansiedade e as suas ilusões. Durante dois anos, entre 1908 e 1910, os anos que coincidiram com o fim da monarquia em Portugal, o jovem estudante do Seminário de Viseu fez, com o aprendizado prático de uma existência difícil e laboriosa, as suas primeiras provas como guia e orientador espiritual dos outros. Estava encontrada a sua vocação a que desejava manter-se fiel pela vida fora.

Entrou na Universidade de Coimbra em Outubro de 1910, o mês em que Lisboa assistiu à proclamação da República e o País conheceu uma fase política agitada. Matriculou-se em Direito e desde logo se tornou notada a sua aptidão para o estudo das matérias ensinadas na cadeira de Economia e Finanças, regidas por um mestre eminente do nosso ensino superior: o professor Marnoco e Sousa, que passara transitoriamente pela política do seu tempo e nela deixara, como na cátedra, a recordação de um espírito brilhante e de uma figura auster.

Em 1914 terminou os estudos universitários com uma classificação excepcionalmente elevada, que era o prémio do seu amor ao estudo e da sua aplicação e começou imediatamente a leccionar as matérias que entretanto passaram a constituir a principal preocupação do seu espírito. Decorridos quatro anos, em 1918, depois de ter sido assistente e professor extraordinário foi nomeado professor catedrático de Finanças, na Universidade de cujo corpo docente se tornou um dos mais distintos ornamentos.

Entretanto, quer como estudante quer como mestre, revelara as suas tendências e as suas preferências filiando-se no Centro Académico de Democracia Cristã, que se fundara em Coimbra e do qual faziam parte algumas personalidades que vieram a desempenhar na vida pública portuguesa um papel de grande relevo. Na imprensa e na tribuna, em artigos e conferências, pôs á prova a solidez dos seus conhecimentos e o seu raro poder de persuasão.

Excepcionalmente um pequeno intervalo em que esteve afastado da cátedra por motivos políticos, pode dizer-se que entre 1918 e 1928 o professor Oliveira Salazar se dedicou quase exclusivamente ao ensino. Esta regra conheceu

apenas as excepções que confirmaram o seu desejo de ser, acima de tudo um mestre consagrado ao desempenho das suas funções docentes. Episodicamente deputado católico e ministro das Finanças, em 1926, em seguida ao movimento triunfante de 28 de Maio, aguardou que o País apelasse para os seus conhecimentos e para a sua sólida preparação técnica. Esse momento chegou há precisamente vinte e cinco anos.

Da acção reformadora no Ministério das Finanças á obra de renovação política e de normalização constitucional

Eleito presidente da República o sr. marechal Fragoso Carmona, em Março de 1928, formou-se um governo da presidência do então coronel Vicente de Freitas. O Governo português apelara, pouco antes, para a Sociedade das Nações, pedindo um auxílio financeiro já anteriormente prestado a outros países, mas que nos foi recusado. A situação era difícil e impunha-se a intervenção de um perito de finanças para sanear as contas públicas e restabelecer o equilíbrio orçamental.

Foi essa a primeira tarefa que o Exército confiou ao professor Oliveira Salazar. Durante doze anos, entre Abril de 1928 e Julho de 1932, a tarefa foi executada em termos exemplares, de forma a exceder a expectativa geral. O restabelecimento do equilíbrio orçamental, seguido do saneamento das finanças públicas e da moeda, eram considerados pelo novo ministro como uma condição indispensável e essencial de toda a vasta obra de ressurgimento nacional que tinha em vista.

As condições da vida política portuguesa não pareciam então, inteiramente favoráveis á realização dessa obra, cuja necessidade era geralmente reconhecida e unanimemente desejada. Sendo chefes do Governo os generais Ivens Ferraz e Domingos de Oliveira, que no exercício dessas funções sucederam ao coronel Vicente de Freitas, o professor Oliveira Salazar dedicou-se quase exclusivamente ao desempenho da sua missão de ministro das Finanças com um êxito e um acerto que o tornaram credor do apreço geral e do reconhecimento dos seus compatriotas.

Esse êxito e esse acerto justificavam-se amplamente com o exemplo pessoal do ministro e com a isenção e tenacidade que ele pôs em aplicar na direcção do Ministério das Finanças os princípios que o haviam norteado na sua carreira universitária, juntando-lhes uma aptidão reconhecida para encontrar as soluções adequadas aos delicados problemas da administração pública, relacionados com a situação financeira do Estado e com a vida económica da Nação.

O prestígio nacional que alcançou e se exprimiu por inequívocas demonstrações de estima, apreço e aplauso, tornaram-no rapidamente a primeira figura da cena política portuguesa, cujo concurso foi considerado indispensável á realização de empreendimentos mais vastos e profundos. A figura do professor Oliveira Salazar adquiriu, entre 1928 e 1930, uma autoridade e uma popularidade que correspondiam á exigência colectiva, de uma remodelação dos quadros e dos métodos políticos predominantes.

No seu espírito era de uma reforma moral, afectando todos os sectores e modalidades da comunidade portuguesa, que se tratava e fora essa que, através de tudo, como estudante, professor, conferencista, jornalista e político, advogara amplamente. A nação estava ao fim de algum tempo preparada para tentar uma experiência que exigia, para ser levada a cabo, paciência e energia íntima, poder de convicção e o propósito firme de não deixar a sua realização em meio e de não descurar nenhum factor que pudesse contribuir para a sua eficiência.

A passagem transitória do professor Oliveira Salazar pela pasta das Colónias, em 1930, como ministro interino, demonstrou que o perito de finanças se encontrava suficientemente familiarizado com os diversos departamentos da nossa

administração para os gerir, sem receio de surpresas ou malogro. As suas referências, feitas incidental ou pormenorizadamente, nos documentos que saíam da sua pena—relatórios de orçamento e de contas, etc.—ou nas afirmações que proferia em simples exposições ou discursos formais, constituíam uma indicação segura de que, para além do âmbito restrito da gestão dos dinheiros públicos e do seu aproveitamento exemplar, havia no espírito do ministro aspirações mais altas e um desejo evidente de reformar e de melhorar.

Como em 1928, quando da crise suscitada pelo episódio doloroso de Genebra, o professor Oliveira Salazar aguardou que chegasse a oportunidade de traduzir em actos as suas aspirações as quais correspondiam, de alguma forma, a um mandato tácito, embora ainda não expresso da Nação. A essa fase da sua carreira a confiança do presidente Carmona foi um elemento precioso do êxito da sua acção.

A criação do Estado corporativo português e as características da reforma empreendida em 1933

O professor Oliveira Salazar ia empreender a ampla reforma da vida portuguesa que constituía a sua grande e justificada aspiração. Quando em 28 de Maio de 1930 proferiu, na Sala do Risco, um discurso em que, a propósito da comemoração do quarto aniversário do movimento de 1926, esboçou as linhas gerais do seu vasto programa de organização constitucional e renovação política, as ideias que expôs foram acolhidas com aplauso e simpatia pela Nação. A primeira seria levada a cabo pela liquidação do sistema de representação nacional até então vigente, a segunda seria tentada com a criação de uma União Nacional que pusesse termo ao espírito de competição partidária que caracterizava o regime anterior.

As ideias esboçadas no discurso da Sala do Risco foram completadas e exemplificadas noutro que o professor Oliveira Salazar proferiu, algum tempo depois, em Julho do mesmo ano



Com Duarte Pacheco

na Sala do Conselho de Estado. O primeiro foi especialmente dirigido ás forças armadas e garantias da execução do programa delineado. O segundo foi dirigido á Nação, interessada nesse programa e cuja colaboração era indispensável ao êxito do empreendimento que estava a ser lançado.

A evolução política, que se iniciou com o discurso da Sala do Risco, entrou numa fase decisiva dois anos depois, em Julho de 1932, com a escolha do professor Oliveira Salazar para a chefia do Governo. Entretanto, embora de uma forma indirecta, a sua acção fizera-se sentir, de forma decisiva e feliz, na resolução de diversos problemas, especialmente os que, fora do domínio administrativo, se relacionavam com a execução do plano de reforma moral e política cuja autoria e inspiração lhe pertenciam.

O período que decorreu entre Julho de 1932, data da nomeação de Salazar para chefe do Governo, e Março de 1933, data da aprovação da nova Constituição, documento fundamental da nova organica da nação, foi de intensa actividade política, orientada e dirigida pessoalmente por ele. Essa acção pessoal alargou-se ao mecanismo funcionamento da União Nacional que o teve como seu principal dirigente e animador.

Nesse período lançaram-se as bases do Estado Corporativo português e promulgaram-se alguns dos principais diplomas que regulam e condicionam a sua existência. Em Novembro de 1932, foram escolhidos os colaboradores do professor Oliveira Salazar na direcção da União Nacional, cuja renovação periódica acompanhou a consolidação desse organismo como principal instrumento da orientação política definida na Constituição e completada nos documentos pu-

blicados posteriormente para condicionar a realização dos seus objectivos.

A União Nacional teve uma intervenção efectiva e predominante na preparação e execução de todos os actos políticos realizados depois da sua criação e que serviriam para articular a nova ordem constitucional prevista pelo seu chefe, especialmente daqueles que exigiam, pela sua natureza e finalidade, o recurso ao sufrágio popular. Por vezes a realização desses actos traduziu-se por uma intensa actividade de propaganda que pôs á prova a eficiência dos quadros e a solidez do organismo criado como elemento fundamental da estrutura política definida na Constituição.

Essa estrutura, que na ordem económica se traduziu pela definição constitucional e pela realização prática de um corporativismo adaptado ás condições e tradições portuguesas, foi sucessivamente posta á prova pela marcha dos acontecimentos internos e externos, que se precipitaram com uma rapidez e uma violência impossível de prever quando se lançaram os seus alicerces, há cerca de vinte anos.

Pode dizer-se que o período de dois anos, que decorreu entre 1930 e 1932, marcou nesse aspecto, uma viragem de importância capital na evolução da sociedade portuguesa, a qual se completou posteriormente em termos e de forma a pôr em relevo o seu carácter histórico e a sua finalidade nacional. O principal artífice dessa transformação, de significado histórico, surgiu, assim, aos olhos dos seus compatriotas e avultou num plano superior ao que vira desenvolver-se a triunfar a acção do ministro das Finanças, que tomou posse dessas funções há um quarto de século, numa altura em que a Nação estava ainda mal preparada para suportar os efeitos do seu plano de reformas.

As exigências da guerra perturbaram durante alguns anos a evolução normal da vida portuguesa

A guerra perturbou o curso normal da transformação prevista e orientada por Salazar. Antes da sua eclosão, em Setembro de 1939, o ambiente internacional mostrava-se bastante tóldado e a situação externa agravou-se a uma cadencia que fazia prever as piores consequências e um desenlace dramático.

O início da guerra civil espanhola, em Junho de 1936 foi o sinal anunciador da tempestade que se aproximava. Dada a vizinhança deste país e a violência com que as hostilidades ali deflagraram com um carácter ideológico que implicava a possibilidade do seu alargamento para além do campo de batalha em que a Espanha rapidamente se transformou, impunha-se uma política, ao mesmo tempo firme e cautelosa, que, sem descurar a importância dos nossos interesses em jogo e da nossa segurança ameaçada, evitasse percalços e contratempos fáceis de surgir.

Em Novembro daquele ano Salazar assumiu a direcção do Ministério dos Negócios Estrangeiros, á frente do qual se conservou durante dez anos. Basta recordar a rapidez com que nessa década de significado histórico para o destino da Humanidade, os acontecimentos se sucederam, para avaliar a magnitude da acção desenvolvida por ele, acção vigilante e serena que teve de se exercer no meio de perigos incessantes e obstáculos aparentemente invencíveis.

Entre 1936 e 1939, a guerra civil espanhola, e entre 1939 e 1945 a segunda conflagração mundial, assolaram o continente europeu, sendo os dois conflitos—um de proporções mais reduzidas, outro que acabou por se propagar a todos os continentes—agravados por uma irreduzibilidade insanável de princípios que se exprimiu pelas formas mais violentas, desde a violência implacável que caracterizou o pri-

(Continua na 14.ª página)

AGUARDENTE
1920
Um Produto
Nacional
Incomparável

AGENTE: J. A. DA COSTA PINA
RUA DO ALECRIM, 69 - LISBOA

Uma obra de renovação material

acompanhou a tarefa de transformação

que nos domínios político, social e económico,

se estendem a Portugal e ao seu Império

Depois da sua efêmera passagem pelo Ministério das Finanças, poucos dias após a instituição da ditadura militar, o sr. professor dr. Oliveira Salazar voltou de novo a tomar conta daquela pasta, em 27 de Abril de 1928. Em cerca de dois anos, o novo regime contara cinco governos e sete ministros das Finanças, mas o problema financeiro continuava a ser uma das preocupações dominantes dos que haviam tomado conta dos destinos da Nação. O professor de Coimbra era chamado outra vez, em circunstâncias consideradas particularmente difíceis, e na sua actuação estavam depositadas todas as esperanças do Governo, então presidido pelo general José Vicente de Freitas e de que fazia parte o engenheiro Duarte Pacheco, que o fora arrancar à sua cátedra. Não era uma figura popular e, pela vida apagada que fazia, poucos seriam, mesmo, dentre os partidários da situação, os que o conheciam bem.

O novo ministro das Finanças, que só aceitou o convite com o condição de lhe serem confiados determinados poderes ditatoriais na gerência financeira do Estado, dispunha-se a empreender uma obra que havia de começar no plano orçamental e se estenderia em breve a toda a vida económica e política da Nação. O seu primeiro discurso, por ocasião da posse, além de vincar a necessidade dos poderes que reclamara, mostrava, como ele próprio dizia, «uma vontade decidida de regularizar por uma vez a nossa vida financeira e com ela a vida económica nacional».

E acrescentava, com perfeito domínio das palavras e das ideias:

«Sei muito bem o que quero e para onde vou, mas que se me não exija que chegue ao fim em poucos meses».

Era, na verdade, a primeira revelação do estadista, que empreendia assim um ciclo de governação, que principiaria pela acção quase exclusivamente administrativa e se devia, depois, reflectir em todos os aspectos da própria vida da Nação.

Promulgada a reforma orçamental, o professor dr. Oliveira Salazar dedica a sua atenção a outros problemas que se relacionam com a obra do seu ministério. Reforma a Caixa Geral de Depósitos, cria, anexa a esta, a Caixa Nacional de Crédito e a Caixa Nacional de Previdência, estabelece a Intendência-Geral do Orçamento e modifica o regime tributário.

Depois de um ano de trabalho, o primeiro orçamento da sua autoria fecha com um saldo positivo de 1.576 contos, quando o anterior apresentava 388.667 contos de deficit.

Outros problemas merecem a sua atenção, no propósito de arrumar todos os assuntos que dizem respeito à sua pasta, como o Contencioso das Contribuições e Impostos, o regime da indústria de seguros, a unificação das estampilhas fiscais, as pautas aduaneiras, a criação do Tribunal de Contas, etc.

No primeiro discurso publico que profere, depois dessa vitória da sua gestão financeira, perante os representantes dos municípios do País, que lhe manifestam o seu aplauso, o ministro das Finanças desenvolve o seu pensamento sobre a política nacional, emitindo uma série de conceitos basilares acerca da administração publica, que transcendem já o âmbito da sua pasta.

Afirma: «Tem a ditadura de dotar o País com um novo estatuto constitucional, criador de uma nova ordem política. E' o pensamento e a necessidade de quantos povos recorrem à ditadura, como remédio supremo para grandes males».

E acentua: «Com o equilíbrio do orçamento, a seriedade das contas, a lisura nos contratos e este conceito de o Estado dever ser sempre uma pessoa de bem, lançaram-se as bases sólidas da organização financeira de Portugal e sobre elas se assentou o crédito publico, aqui e lá fora».

Mas, apesar de tudo, o professor Salazar não considera ainda terminada a tarefa que apenas encetara na pasta das Finanças. Em princípios de 1930 cria a Inspeção-Geral das Finanças e logo, pouco depois, publica a grande reforma da Contabilidade Publica, que há-de permitir consolidar os princípios de equilíbrio financeiro postos em prática nos seus primeiros anos de gestão financeira.

Verificados os primeiros resultados da sua política orçamental, o professor dr. Oliveira Salazar prossegue, sistematicamente, no estudo e na resolução dos problemas que se relacionam com as finanças publicas. Assim, são, sucessivamente objecto da sua atenção a estabilização do valor da moeda, a situação do crédito e, um a um, todos os sectores da vida financeira da Nação.

Quando, precisamente doze anos depois de ter tomado conta da pasta das Finanças, já tendo então assumido a responsabilidade da chefia do Governo, o professor dr. Oliveira Salazar abandona aquele departamento, estava

assegurada a continuidade da sua obra financeira, por uma série de medidas, que constituíam um verdadeiro sistema, vertebrado por um conjunto de diplomas legais orientados pelo mesmo pensamento.

Uma reforma profunda de economia nacional e um vasto plano de realizações materiais

A medida que vai estruturando a sua obra financeira, o professor dr. Oliveira Salazar manifesta o desejo crescente de que a sua obra possa ter também as suas repercussões no campo das realizações materiais que melhor traduzam a renovação dos métodos da governação publica.

Estas palavras que proferiu, num dos seus discursos iniciais, traduzem essa preocupação dominante:

«Esta ideia que domina por toda a parte a reorganização, devemos tê-la bem presente no espirito, para não surgirem ilusões inconciliáveis com as maiores necessidades da pátria, embora se devam ter esperanças de futuros alívios. Estes, serão tanto mais certos e próximos quanto mais se apressar, de todos os lados, a reconstrução material do País, cuidado que o Governo chama a si, secundado por todos os outros elementos da Nação».



Com o marechal Carmona

«Por vários ministérios se trabalha no plano de obras de fomento a realizar e se estuda a colaboração do Estado naqueles domínios onde a sua assistência se reputa necessária ao reequipamento da economia nacional, na Metrópole e nas colónias. São muitos centos de milhares de contos o que há-de gastar-se nos seis a dez anos que vão seguir-se. As economias privadas tomarão sobre si uma parte, as finanças publicas o restante, e tudo se fará sem menosprezo dos princípios fundamentais da nossa administração, contanto que não percamos o sentido das proporções, não precipitemos a solução conjunta dos problemas além das nossas possibilidades, e continue a praticar-se o mesmo processo de ditadura financeira, com a sua unidade de plano e a sua rigidez de execução».

Era um outro capítulo da vida nacional, em que o antigo catedrático da Economia Política da Faculdade de Direito de Coimbra se preparava para intervir decisivamente. E, primeiro como simples ministro das Finanças, depois como presidente do Conselho e até na gestão de outras pastas, o professor Oliveira Salazar procurou dar seguimento ao programa enunciado naquelas palavras que citamos. Nesta tarefa, o primeiro grande colaborador do chefe do Governo foi o engenheiro Duarte Pacheco, que o conduziu de Coimbra até ao Terreiro do Paço, para entrar no Ministério das Finanças e que havia de deixar o seu nome ligado a algumas das mais importantes realizações materiais levadas a efeito sobre a égide do professor Salazar.

O primeiro governo em que o ministro das Finanças ocupa a presidência do Ministério inclui um novo departamento, de significativa criação: Obras Publicas e Comunicações. E' Duarte Pacheco que vai ocupar a nova pasta e, em seguida, a medida que se vão anunciando o progresso das disponibilidades financeiras do Estado, assiste-se à intensificação de obras publicas da mais variada índole: estradas, pontes, comunicações telegráficas e telefónicas, construções de edificios publicos, restauro de obras de arte, novos bairros de habitação, trabalhos de hidráulica agricola, melhoramentos rurais, portos, etc.

Simultaneamente, lançam-se as bases de uma nova politica económica, de que resulta um rápido surto de progresso industrial.

Ao encetar o I Congresso da Industria Portuguesa Continental, promovido pela Associação Industrial Portuguesa, o já então chefe do Governo declara:

«Não tenho que dizer da acção do Governo para a perfeita realização destes empreendimentos, porque ninguém o esqueceu aqui. Não fez o Governo tudo, nem é um progreder que alguma vez neste domínio da industria seja tal a sua situação. Os que garantem a ordem, saneiam a moeda, desenvolvem o crédito, facilitam os meios de comunicação, manejam as pautas, negociam os tratados comerciais e organizam os trabalhadores, pretendem apenas criar as condições indispensáveis à produção portuguesa—pretendem apenas habilitar as iniciativas privadas a fazer tudo o que é do seu direito e do seu dever, e avançar até onde aquelas condições lhe permitam ir. E tem absoluta confiança em que por esse caminho segue, com bom rumo, a economia portuguesa».

Depois de um período de ausência de Duarte Pacheco no Governo, aquele colaborador íntimo do presidente do Conselho volta a gerir a pasta das Obras Publicas, onde caracteriza a sua acção por uma série de obras que ficam a assinalar este período de intensas realizações materiais, a que o professor Salazar dedicou

Ferraz. Toma posse no dia 5 de Julho de 1932. A situação criada pelo movimento de 28 de Maio de 1926, encontra, assim, o seu novo chefe, que, mais aliviado dos problemas de ordem financeira, a que permaneceu, todavia ligado, pela gerência da pasta das Finanças, se vai dedicar mais firmemente à estruturação politica do novo regime.

Publicados, pouco depois, os Estatutos da União Nacional, o novo chefe do Governo dá posse aos corpos directivos da nova organização em 23 de Novembro desse ano. E' então que profere um discurso em que afirma:

«Nós temos uma doutrina e somos uma força. Como força compete-nos governar: temos o mandato de uma revolução triunfante, sem oposições e com a consagração do País; como adeptos de uma doutrina, importa-nos ser intransigentes na defesa e na realização dos princípios que a constituem. Nestas circunstâncias não há acordos, nem transições, nem transigências possíveis».

E mais adiante:

«Os que concordam com o nosso programa fazem um acto patriótico, declarando a sua concordância e trabalhando abertamente a nosso lado; os que não concordam podem ser igualmente sinceros e dignos, confessando a sua discordância; são mesmo livres de proclamá-la; mas no que respeita a uma actuação politica efectiva, leva-los-emos pelo melhor possível a que não nos incomodem demasiadamente».

A personalidade do professor dr. Oliveira Salazar está identificada com a própria União Nacional e por isso a sua intervenção na existência daquela organização pode considerar-se decisiva, marcando, sempre, a sua palavra e definição exacta da respectiva actuação, como tem sucedido sempre, nos passos mais importantes da sua história, nomeadamente nos três congressos realizados, respectivamente, em 1934, 1944 e 1951.

Mas a interferência directa do presidente do Conselho na nova politica interna traduz-se por uma série interminável de acontecimentos, a que se encontra indissolúvelmente ligada a sua iniciativa ou a sua orientação suprema.

Foi já sob a vigência do seu governo que se operou a constitucionalização do regime e se realizou a aprovação da Constituição em vigor, por plebiscito. Efectuaram-se, igualmente cinco eleições para deputados à Assembleia Nacional.

O sr. marechal Carmona, eleito por sufrágio da Nação em 1928, para a chefia do Estado, foi depois, precisamente, reeleito, em 1935, 1942 e 1949, sendo chefe do Governo o professor dr. Oliveira Salazar, a quem o falecido presidente da Republica conferiu sempre a sua confiança, mantendo-o ininterruptamente na presidência do Ministério.

Acompanhando o movimento de estruturação do regime, o professor dr. Oliveira Salazar dirigiu superiormente a corporativização do Estado, aliás de acordo com os princípios exarados na Constituição.

Como reflexo da orientação politica destes anos de vigência do Governo do professor Salazar, podem ainda apontar-se a criação das organizações «Legião Portuguesa», e «Mocidade Portuguesa».

Salazar ocupou, a pasta das Colónias, de uma forma efectiva, a da Guerra, a primeira numa situação de emergência, em 1930, a segunda durante doze anos, entre 1936 e 1948, ao mesmo tempo que sobrava também a dos Negócios Estrangeiros. A sua passagem efêmera pela primeira deu lugar à promulgação do Acto Colonial, que estabeleceu o principio da unidade imperial que mais tarde foi incorporado na Constituição politica da Nação.

A sua passagem pela pasta da Guerra traduziu-se por uma série de reformas que remodelaram a estrutura e o funcionamento das nossas instituições militares e deram ao exercito os meios materiais de que precisava para se desempenhar da sua missão, em tempos normais, e, como as circunstâncias constantemente indicavam, em qualquer situação delicada para a defesa nacional.

Quando, em Setembro de 1948, deixou a direcção desse departamento do Estado, a obra iniciada entrara na fase das realizações definitivas e prosseguiu, sem interrupções, a medida que se tornavam mais exigentes as necessidades impostas pelo agravamento incessante da situação externa e pelas suas contingências imprevisíveis e caprichosas.

Também Salazar dedicou um cuidado especial à renovação da Marinha de Guerra que pôde, graças à melhoria da situação financeira, contar com novas unidades de seguro valor militar, o qual foi posto à prova durante a fase mais critica da segunda guerra mundial e em todos os pontos e circunstâncias onde foi indispensável afirmar os direitos de soberania de Portugal.

Com a renovação da Marinha de Guerra, coincidiu a da Marinha mercante nacional que dispõe actualmente de excelentes unidades empregadas no transporte de passageiros e mercadorias, em carreiras que interessam especialmente à nossa vida económica e ao estreitamento de relações com os países onde vivem importantes colónias de portugueses.

Se passar por Salvaterra

Visite o Café Restaurante Ribatejano

Importaram em 330 mil contos as obras do novo Hospital Escolar onde no próximo ano lectivo funcionarão as aulas da Faculdade de Medicina

(Continuação da 1.ª página)

revista á guarda de honra, constituída por um batalhão da G. N. R., com bandeira e banda, e postado no arruamento fronteiro á fachada principal do edificio, o sr. presidente da Republica assistiu ao desfile da força. Encontravam-se já ali, além do sr. ministro das Obras Publicas, que foi o primeiro membro do Governo a chegar, os titulares das pastas da Presidência, do Interior, das Finanças, da Educação Nacional, do Ultramar, do Exército e da Marinha; todos os subsecretários de Estado e os membros da Comissão Administrativa dos Novos Edificios Universitários srs. engenheiros Jacome de Castro, que preside áquello organismo, Tavares Cardoso e Eduardo Carvalho, administradores-delegados, prof. Hernani Monteiro, que, com aqueles engenheiros faz parte da Comissão Técnica dos Hospitais Escolares, que, sob a presidência do sr. professor dr. Francisco Gentil orientou os estudos e os trabalhos da construção do novo hospital.

Após os cumprimentos, o chefe do Estado procedeu ao desceramento de uma lápida colocada no jardim fronteiro á entrada principal, com os seguintes dizeres: «Este edificio, destinado á Faculdade de Medicina e ao Hospital Escolar de Lisboa, foi solenemente inaugurado, pelo presidente da Republica, general Francisco Craveiro Lopes, em 27 de Abril de 1953—Vigésimo quinto aniversário da entrada do Doutor António de Oliveira Salazar para o Governo da Nação».

O sr. general Craveiro Lopes, com os ministros e as outras individualidades que o acompanhavam, dirigiu-se, por uma das rampas de acesso, para a entrada do hospital, onde se

zer mais nada, senão que se trata, ao fim e ao cabo, do maior e mais complexo edificio construido em terra portuguesa.

O eng.º Frederico Ulrich referiu-se, em seguida, aos que mais trabalharam na grande realização e disse:

—Antes de todos, mencionarei o nome do prof. Francisco Gentil, pois a ele se deve a ideia inicial e ainda o ter sabido expô-la a quem de direito com tal clareza e peso de argumentos que o seu grande sonho logo germinou para vir a converter-se nesta magnifica realidade que hoje deslumbra os nossos olhos. Coube ao professor Gentil—presidente da Comissão Técnica a que já me referi—nortear a elaboração do projecto e pronunciar-se sobre a obra em si e sobre a aquisição do recheio do vasto edificio. E' certo que circunstancias várias não permitiram satisfazer integralmente as suas directivas, e das imperfeições—grandes ou pequenas—que daí resultaram, só eu sou responsável, pois me vi por vezes forçado a cortar despesas, para não ultrapassarmos o limite fixado para o custo total da construção. Mas, diga-se a verdade, as falhas finais são largamente contrabalançadas por aquilo que ficou em nível satisfatório—dizei mesmo: muito bom—, e assim podemos sentir legítimo orgulho da obra realizada e devemos agradecer ao professor Gentil a importante quota-parte que de tal êxito de direito lhe pertence.

E prosseguiu:

—Ao sr. prof. Hernani Monteiro, compete principalmente occupar-se do Hospital Escolar do Porto—que, se Deus inspirar bem o sr. ministro das Finanças, poderemos concluir dentro de dois anos. Será então a oportunidade de se



Quando falava o ministro das Obras Publicas

cio em condições de poder iniciar-se desde já a montagem da parte destinada a hospital e de se concluir e equipar durante o próximo Verão, para entrar em funcionamento no principio do ano lectivo de 1953-54, a área reservada á Faculdade de Medicina da capital.

Depois de aludir aos trabalhos concluidos e ás aquisições feitas, o sr. eng.º Frederico Ulrich afirmou que a Comissão Instaladora do novo nosocomio pode agora começar a montagem da zona hospitalar, o recrutamento e adaptação do respectivo pessoal e a organização dos serviços. E elucidou:

—A razão de não termos podido terminar completamente as dependências escolares reside no facto de contarmos utilizar, na medida do possível, para seu recheio, todo o equipamento e mobilia aproveitáveis das actuais instalações da Faculdade, e de se ter reconhecido que a transferência desse material—a qual envolve a sua cuidadosa beneficiação e trabalhos de adaptação de pavimentos e canalizações—deveria fazer-se, para não prejudicar o funcionamento normal da escola, durante um periodo de férias grandes.

Após uma referência elogiosa á colaboração dos técnicos e empreiteiros da Camara Municipal, na resolução dos acessos, afirmou:

—Mas valeu bem a pena esse esforço, pois, assim, como tanto desejávamos, a entrega official do Hospital Escolar de Lisboa ao Ministério do Interior pode constituir o primeiro acto das celebrações do dia de hoje, em que milhões de Portugueses, de mãos postas e corações ao alto, agradecem á divina Providencia o ter-lhes concedido um tão grande Estadista, que tanto tem feito pelo progresso e engrandecimento do seu País! E o facto permite-nos a nós, servidores das Obras Publicas, oferecer nesta data ao Doutor Oliveira Salazar um testemunho vivo da nossa modesta contribuição para a sua magnifica obra.

E concluiu, entre uma prolongada «salva» de palmas:

—Abrange essa obra os mais diversos sectores da vida nacional, e é toda ela impregnada do propósito de melhorar a saúde física e moral da gente portuguesa. Pois que esta grande realização—a maior, no seu genero, levada a efeito entre nós e que tanto pode contribuir para o primeiro, e também para o segundo daqueles objectivos—constitua padrão imorredero de quanto esse grande Português soube fazer por Portugal em vinte e cinco anos da mais abnegada dedicação em que tudo lhe deu das suas extraordinárias qualidades de dirigente.

«E seja-me consentido que, em nome do pessoal do Ministério a meu cargo, eu deponha aos pés do sr. presidente do Conselho

COLÓNIA CUBANA

Esta noite no elegante bar Dancing-Cristal estreia-se a grande artista cubana CANELINA que com o seu dinamismo e categoria vai arrebatador todos os frequentadores, daquele categorizado dancing, onde, estamos certos, não deixarão de estar os seus compatriotas para lhe darem os aplausos de que ela é merecedora.

(Continua na 11.ª página)



O ministro do Interior lendo o seu discurso

encontrava o sr. professor Francisco Gentil, que o chefe do Estado cumprimentou com um expressivo aperto de mão.

Após alguns momentos de descanso, numa das salas da direcção, o sr. presidente da Republica entrou no grande anfiteatro de conferências do hospital, que se encontrava repleto. Entre a assistência viam-se altos funcionários, oficiais generais, magistrados, professores universitários, principalmente os da Faculdade de Medicina, médicos, estudantes e todos os técnicos que colaboraram na obra. Da mancha escura dos trajes de cerimónia, destacavam-se os grupos das graduadas da Escola Técnica de Enfermeiras do Instituto Português de Oncologia e da Escola Artur Ravara.

Na mesa de honra, o chefe do Estado deu a direita aos srs. ministros do Interior e da Educação Nacional e ao prof. dr. Francisco Gentil, e a esquerda aos srs. ministros das Finanças e das Obras Publicas e engenheiro Jacome de Castro.

Os restantes membros do Governo e o prof. Marcelo Caetano, presidente da Camara Corporativa, occupavam a primeira fila de cadeiras do anfiteatro.

Aberta a sessão, o sr. dr. Eduardo França de Oliveira, secretário da Comissão Administrativa dos Novos Edificios Universitários, leu o auto da entrega do novo hospital pelo Ministério das Obras Publicas ao do Interior.

O discurso do ministro das Obras Publicas

Lido o auto, usou em primeiro lugar da palavra o ministro das Obras Publicas que, depois de agradecer a presença do chefe do Estado, historiou, em breves palavras, os trabalhos realizados para a construção do Hospital Escolar, desde a criação das respectivas comissões, á colaboração do falecido architecto Herman Distel e ao começo da execução da obra.

—O que é a obra,—disse—está bem patente á vista, mas valerá a pena citar alguns numeros para melhor se ajuizar da sua grandeza: Custa 330.000 contos; tem 11 pisos, com uma superficie total de 128.000 metros quadrados, e uma frente de 260 metros—o Convento de Mafra só tem 4 pisos, a sua área de construção 115.000 metros quadrados e a sua frente 222 metros de extensão. Se eu acrescentar que conta cerca de 4.500 portas e 5.400 janelas e que as suas redes de água e de energia eléctrica atingem, respectivamente, 60 e 350 quilómetros de comprimento, não será preciso di-

salientar a sua tão util actuação na Comissão Técnica, como delegado da Faculdade de Medicina daquela cidade, mas o seu nome não pode deixar de ser também pronunciado neste momento.

O ministro referiu-se, depois, aos srs. engenheiros Jacome de Castro, Tavares Cardoso e Eduardo Carvalho e architecto João Simões «neles consubstanciando toda a pleiade de técnicos distintos que aqui mourejaram no erguer deste edificio: desde os seus alicerces, que viveram dia a dia a obra e que, na sua execução, puseram o melhor do seu saber e uma dedicação sem limites».

E acrescentou:

—Que dizer a V. Ex.ª de Jacome de Castro? Apenas isto: que foi inexorável de zelo e boa vontade, e que cumpriu, como melhor não poderia ser, a missão de alta responsabilidade que em boa hora lhe foi confiada. Merece ele, a par dos maiores louvores, o muito apreço e gratidão de quem o teve como colaborador, lealissimo e devotado, durante praticamente todo o periodo das obras.

«De Tavares Cardoso e de Carvalho, direi que foram preciosos auxiliares do eng.º Jacome de Castro e que ao primeiro se deve, além do mais, a organização do arranque final que nos permite entregar agora esta grande realização. João Simões houve-se com distinção no estudo dos arranjos interiores, de parte importante do mobiliário e de muitos elementos do edificio principal e seus anexos.

Teve também palavras de louvor para os numerosissimos empreiteiros da obra, tanto da construção como do seu recheio, e focou, por fim, o acontecimento que hoje se celebra: o 25.º aniversário da entrada do sr. prof. dr. Oliveira Salazar para o Governo. Explicou como surgiu a ideia de integrar o Hospital Escolar no programa das comemorações e acrescentou:

—Effectivamente, entregamos hoje este edi-

Quando uma causa é justa

...do ou tarde triunfa.
Transaccionando-se com correção é exito garantido.

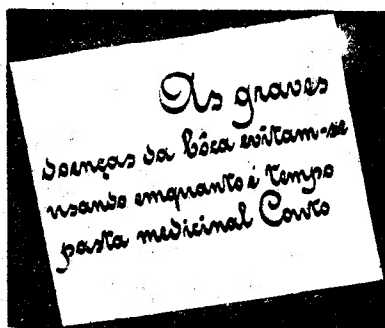
Grande Ourivesaria da Moda

Rua da Prata/257

NUNCA UM ARTISTA FOI TÃO BEM PAGO EM PORTUGAL!

O contrato que parecia impossível conseguiu-o o

TIVOLI



MODERNAS

Elegantes, práticas pelos mais
Em tecidos e padrões

Quabola

A sessão desta tarde na Assembleia Nacional assumiu extraordinária imponência tendo feito o elogio da figura e obra do chefe do Governo os srs. prof. Marcelo Caetano e dr. Albino dos Reis

(Continuação da 1.ª página)

baixadores e ministros plenipotenciários acreditados em Lisboa; a totalidade do corpo de generais, de almirantes, brigadeiros e comendados, incluindo alguns da reserva e tudo o que Lisboa tem no mundo político, económico e intelectual, assistência entre a qual se viam muitas senhoras, poderá fazer-se ideia da imponência que a cerimónia assumiu.

A's 15 horas, chegou o presidente da Assembleia Nacional, sr. dr. Albino dos Reis, a quem a guarda de honra prestou a continência devida. Momentos depois, chegou a esposa do chefe do Estado, acompanhada de sua filha e nora. Receberam-na, no atrio do edificio os presidentes da Assembleia e da Camara Corporativa, bem como os deputados e procuradores da Comissão de recepção ao chefe do Estado.

A's 15 e 20, chegou o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e, cinco minutos depois, os clarins anunciaram, com o toque de sentida, a aproximação do chefe do Estado, que vinha escoltado por forças motorizadas.

Quando o sr. general Craveiro Lopes se apeou do seu automovel, ouviu-se uma salva de palmas da multidão que se aglomerava nas imediações.

Ouviu-se o Hino Nacional e as forças apresentaram armas.

Terminada a continência, o chefe do Estado, que envergava o uniforme de gala de general, com a banda das Três Ordens, recebeu na escadaria do Palácio os cumprimentos dos presidentes das duas Camaras e dos restantes componentes da comissão de recepção.

Formou-se, então, o cortejo a caminho da Sala Dourada, onde o sr. cardeal-patriarca e o Governo aguardavam o chefe do Estado. A frente, os membros do Protocolo, srs. coronel Esmeraldo de Carvalho e dr. Henrique Viana; depois, os membros das casas militar e civil do chefe do Estado; a seguir, o sr. general Craveiro Lopes, ladeado pelos srs. drs. Albino dos Reis e prof. Marcelo Caetano e acompanhado pelos deputados e procuradores que o tinham ido receber.

O cortejo passou entre alas compactas de algumas centenas de oficiais das forças de terra, mar e ar, e subiu a escadaria nobre, atapetada a vermelho e guarnecida de soldados da G. N. R. de grande uniforme. A passagem pelos Passos Perdidos, ouviu-se «A Portuguesa», tocada pela grande orquestra da Emissora Nacional.

Na Sala Dourada, o chefe do Estado recebeu os cumprimentos do sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e de todos os ministros e subsecretários de Estado, após o que se encaminhou para a sala das sessões, da Assembleia Nacional, onde, á sua entrada, voltou a ouvir-se «A Portuguesa».

A sala oferecia um aspecto deslumbrante, com todas as luzes acesas, que imprimiam brilho especial ao cenário de fardas e grandes «toilettes» que se viam por toda a parte, até mesmo nas galerias.

A tribuna central estava reservada exclusivamente á officialidade de terra e mar, entre a qual se via o antigo ministro da Guerra, sr. coronel Passos e Sousa, hoje governador-militar de Elvas. Em frente da tribuna do corpo diplomático sentavam-se as esposas do chefe do Estado e dos membros do Governo. Em lugares especiais, viam-se os membros do Conselho de Estado. Em semicirculo e em duas filas, estava o Governo, ministros á frente, subsecretários á retaguarda. Em cadeirão especial estava o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, vendo-se o hemicycleo totalmente cheio de deputados e procuradores. Em qualquer das gal-

lerias ou tribunas não havia um unico lugar vago.

O sr. general Craveiro Lopes subiu á tribuna da presidência no meio de prolongada salva de palmas de toda a assistência. Sentaram-se, á sua direita o sr. dr. Albino dos Reis e, á sua esquerda, o sr. prof. Marcelo Caetano e o juiz dr. Sampaio e Melo, presidente do Supremo Tribunal.

O sr. dr. Albino dos Reis, em nome do chefe do Estado declarou aberta a sessão e deu a palavra ao presidente da Camara Corporativa.

Fala o presidente da Camara Corporativa

O sr. prof. Marcelo Caetano começou por se congratular com a anuência do sr. presidente da Republica aos desejos que lhe foram expressos pela Assembleia Nacional e pela Camara Corporativa no sentido de que se promovesse esta sessão. E congratulou-se, mais ainda, por ter querido o chefe do Estado associar-se a essa iniciativa, sancionando-a com a sua presença. E diz:

—Em nome da Camara Corporativa agradeço a Vossa Excelência o ter-lhe dado ensejo de juntar os seus aplausos aos da Nação inteira nesta consagração em que se exalta o homem de Estado a quem é devida a Constituição Política onde pela primeira vez em Portugal foram chamados a participar com voz e voto num dos órgãos da soberania os representantes qualificados de todas as formas do trabalho!

Afirma que este periodo de 25 anos «conta, e de que maneira, na História de Portugal», evidenciando que foi «o movimento de 28 de Maio que tornou possíveis o Governo de Salazar e a sua obra e, por isso, a Camara Corporativa recorda, celebra e honra nesta hora a Revolução Nacional». Depois de recordar que foi ao marechal Carmona que se devem a manutenção de Salazar no Governo de 1928 — «e é esse o grande quinhão que pertence, na glória neste dia celebrada, á memória de Carmona», o sr. prof. Marcelo Caetano conclui assim o seu discurso:

—Nascida do regime instituido pela Constituição Política de 1933 creio que assiste á Camara Corporativa especial autoridade para afirmar que a obra de Salazar não pode ser considerada mero episódio destinado a ficar como um parentesis na História de Portugal. Essa obra vale como uma lição e obriga como uma norma; é para as gerações vindouras um marco a assinalar o principio de uma nova era em que de ano para a no o País se há-de esforçar por compreender e aplicar melhor todo o profundo conteúdo da mensagem de Salazar cujos tópicos são a unidade nacional, o prestigio de Portugal e o bem do povo português!

«Quer isto dizer que, para além da figura veneranda de Salazar, existe já uma doutrina que a transcende e uma obra que queremos permaneça viva através dos tempos como espirito fecundamente e incessantemente criador de novos benefícios e de novas glórias!»

«A presença nesta sala e nesta sessão de V. Ex.ª, sr. presidente da Republica, é um acto de justiça para com o homem que todos os Portugueses veneram e respeitam como verdadeiro benemérito da Pátria! Mas é mais: é a certeza para todos nós de que, unido em comunhão profunda com o que há de mais autêntico no génio nacional, o chefe de Estado é penhor seguro de que a obra de Salazar continuará!

O discurso do sr. dr. Marcelo Caetano, entrecortado por muitos aplausos, foi assinalado, no final, por uma longa salva de palmas. Feito silêncio, falou a seguir o presidente da Assembleia Nacional.

O discurso do presidente da Assembleia Nacional

O sr. dr. Albino dos Reis começou então o seu discurso com as seguintes palavras:

—A Assembleia Nacional e com ela o País agradecem a V. Ex.ª o ter utilizado os altos poderes que a Constituição lhe confere para convocar esta solenissima reunião conjunta das duas Camaras e tornar assim possível que, por sobre todas as comemorações das bodas de prata ministeriais de Salazar soe, neste histórico recinto, que é o mesmo que dizer em todo o Mundo português, a voz, mais que todas autorizada, do Supremo Magistrado da Nação. Aquilo que o Presidente da Assembleia Nacional intentara fazer, mas não pôde ou não soube, dentro das faculdades que o Estatuto Político Fundamental da Nação lhe atribui, realizou-o V. Ex.ª por esta forma mais grandiosa

tão alto, desvaneceria legitimamente qualquer homem publico. Mas não satisfazia a consciência de V. Ex.ª que quis levar, até onde a Constituição lhe permitia, o seu altíssimo testemunho perante a Nação e perante o Mundo, de que eram rectos os caminhos por onde Salazar conduziria a Revolução em 25 anos de jornada e infrangível e perfeita a unidade do seu comando supremo.

O orador põe em evidência, então, o «caso perfeitamente singular na nossa vida nacional» de um «consuldo governativo de cinco lustros ininterruptos», acentuando os sucessivos aspectos da vida portuguesa — a maneira de ser do povo, a natureza e grandeza dos problemas internos a que era preciso fazer face, as crises e as paixões, as dificuldades da politica internacional e o vigor preciso para afirmar e fazer respeitar uma linha de independência que se impõe através de todas as dificuldades.

Mais adiante: —Os dias, os anos, os séculos, estas medidas de tempo são criações de espirito e não pare-

(Continua na página seguinte)



A massa compacta de bandeiras durante o desfile

e impressiva; e a Mensagem de V. Ex.ª encontrará, posso assegurá-lo sem hesitação, na Representação Nacional, um acolhimento caloroso e unanime. Que o Chefe do Estado tivesse neste dia memorável, um gesto, uma atitude, uma palavra de louvor ou de reconhecimento aos relevantes serviços do seu primeiro Ministro, prestados ao País em 25 anos da sua vida, era essa já uma homenagem que, por vir de

Não espere que a sua camisa encolha para ter a medida exacta do seu pescoço!

A CAMISARIA

Primaz

Vende todas as suas camisas com colarinhos que não encolhem.
114-ROSSIO-11 - LISBOA

COLÓNIA ESPANHOLA

A colónia espanhola em Lisboa está de parabéns pela grande estreia de hoje no elegante bar-dancing CRISTAL da artista internacional JUANITA CUENCA que através da sua voz de ouro tem divulgado a canção espanhola em quase todos os países da Europa e Africa. O Cristal hoje vai ser pequeno para poder acolher todos os seus compatriotas que justamente a querem homenagear.

PRINCIPE NEGRO

Restaurante-Bolte

ABRIU AS SUAS MAGNÍFICAS INSTALAÇÕES

Optimo serviço de almoços-Jantares-Lanches e Banquetes
A NOITE MUSICA PELO GRUPO ANDRADE SANTOS, PEDRINHO E FERNANDO REIS

ENTRADA PRIVATIVA: CALÇADA DA GLÓRIA, 2
(Edificio do Palladium) Telef. 23677

RESTAURANTE NEGRESO

Comunica aos seus Ex.ªs Clientes que hoje não se realizam os seus serviços de chás habituais, como preito de gratidão, homenagem e admiração para com Sua Ex.ª Prof. Dr. Oliveira Salazar

FETZ O MAIOR MÚSICO DE HOJE!
Somente a 4 e a 8 de Maio
BILHETES Á VENDA

CONFECÇÕES

recentes processos americanos.
colhidos da ultima moda.

SEMPRE PRONTAS A VESTIR

Avenida João XXI, 10-P

Sucursal: R. Edito Cavel, 17-A

A maior novidade em

S
A
S
A
S



apresentam
LOJA DAS MALHAS
Rua do Carmo, 99
CAMISARIA CISNE
Rua Augusta, 163

As homenagens de hoje ao chefe do Governo

(Continuação da página anterior)

com ter realidade substancial; o que conta são os acontecimentos grandes ou pequenos, faustos ou infustos, que durante eles se produziram; para o julgamento dos homens públicos, sobretudo os resultados gerais da sua acção, os serviços prestados ao País. Isto, Senhor Presidente, levaria a repetição inútil de muita coisa, que toda a gente vê, que nem os adversários contestam, cuja luz irrompe de todos os lados. Direi somente que neste largo lance da História do País—as liberdades fundamentais e entre elas a mais sagrada de todas, a liberdade de crenças, foram asseguradas a todos os portugueses, a consciência religiosa da Nação foi respeitada, o princípio da separação foi mantido mas numa ampla compreensão das realidades espirituais dos portugueses, o prestígio das autoridades restaurado, as paixões políticas esbatidas, melhoradas as condições gerais de vida das diversas classes sociais, lançadas as bases dum profundo reavivamento da economia nacional, e por entre violentas convulsões, em que a carta política do Mundo tem oscilado, mantida a unidade e a integridade do Império! Sob a sua influência e com a marca do seu grande espírito apareceu o novo regime em que a rigidez dos princípios e o culto das realidades, o respeito amorável pelas coisas nobres do passado e as exigências imprescindíveis das sociedades políticas contemporâneas, a força do Governo e o princípio da representação nacional se conjugam e se combinam num conjunto equilibrado e orgânico, apto para, á sua sombra, se desenvolver o nosso Direito Público e adequado ao nosso modo de ser nacional.

O sr. dr. Albino dos Reis evoca, seguidamente, todos os angustiosos lances da vida interminável destes últimos 25 anos, até á última guerra—«preservou a paz, guardou a honra nacional, dignificou o País», concluindo assim o seu discurso:

—E, agora, Senhor Presidente? Agora, ante um futuro carregado de sombras e de pavores, ante um horizonte cerrado de brumas, onde mal bruxeleiam algumas tímidas esperanças, de se evitar o pior, ele continua a ser um dos grandes valores morais e políticos desta Europa, que parece ter perdido o seu antigo sentido de grandeza, e o timoneiro seguro dos nossos destinos.

E, agora, Senhor Presidente? V. Ex.ª quis dar, creio-o bem, á Nação o testemunho do seu reconhecimento e da sua confiança no Homem que há 25 anos a serve com todas as suas forças. A Nação revê-se nos sentimentos do seu Chefe Supremo. E assim unida a família portuguesa, dispersa por todos os continentes, em volta do Chefe do Estado e de Salazar—ao bater o instante final destes 25 anos, depois desta breve pausa de justa comemoração, eu sinto

que na intimidade dos corações e dos lares sagrados de Portugal e do próprio seio desta generosa terra de Santa Maria se erguem, como vaporização irreprimível das almas e das coisas, votos ardentes a que a minha voz não consegue dar nem o calor, nem a intensidade condigna:

Para que Deus proteja e conserve Salazar; Para que, na noite de inquietações e de perigos mortais que ameaça o Mundo, Salazar continue conosco. E continuará! A presença de V. Ex.ª nesta casa e neste dia, a Mensagem que vai ler á Assembleia e que ela está ávida de ouvir, são, depois do Deus, a mais segura garantia dessa continuidade.

Do mesmo modo, o discurso do sr. dr. Albino dos Reis foi entrecortado e sublinhado no final, dos mais calorosos aplausos.

A mensagem presidencial

Por fim, levantou-se o sr. presidente da República para ler a sua mensagem. A assistência de pé, tributou-lhe uma prolongada salva de palmas. O sr. general Craveiro Lopes pediu a todos que se sentassem e, feito silêncio, leu aquele documento, que publicamos aparte em local de destaque.

Depois das salvas de palmas que, como no decorrer do discurso, sublinharam muitas passagens do mesmo, a assistência, de pé, aplaudiu as últimas palavras do sr. general Craveiro Lopes.

O sr. dr. Albino Reis declarou então encerrada a sessão.

A visita do chefe do Estado ao presidente do Conselho

Reconstituiu-se, então, o cortejo presidencial em direcção ao gabinete de trabalho do sr. dr. Oliveira Salazar, a fim de que o chefe do Estado apresentasse os cumprimentos, conforme o seu desejo.

Foi particularmente cordial o encontro entre os dois homens públicos que conversaram, assim, durante alguns minutos, na presença de todo o Governo e dos presidentes das duas Câmaras.

Em seguida, os srs. general Craveiro Lopes e dr. Oliveira Salazar assomaram a uma das janelas do Palácio de S. Bento e foram nesse momento saudados por uma multidão compacta, com salvas de palmas e «vivas» calorosos. Milhares de pessoas entoaram «A Portuguesa», enquanto das janelas dos edifícios fronteiros, muita gente acenava com lenços.

A manifestação prolongou-se por alguns minutos, enquanto uma esquadilha de aviões de jacto passava vertiginosamente várias vezes sobre o local.

O sr. presidente do Conselho acenou nesse momento á multidão á agradecer os aplausos que lhe eram dirigidos e esse gesto provocou ainda novas e entusiásticas manifestações.



O chefe do Estado, com os membros do Governo e outras altas entidades, na escadaria do edifício da Assembleia Nacional

pendentes dos parapeitos das janelas. As embaixadas, legações e os consulados dos países acreditados junto do Governo português hastearam também os seus pavilhões. Muitos edifícios apresentaram também as suas janelas ornamentadas com ricas colgaduras. A cidade apresentava, além do seu aspecto decorativo, um ritmo de grande movimento, pois é elevado o numero de pessoas que se encontra em Lisboa, vindas de todos os distritos do País.

Comboios especiais

Para transportar os manifestantes, foram organizados alguns comboios especiais, entre os quais um formado gratuitamente pela Sociedade Estoril. A estação do Rossio chegou, ás 11 e 54 e ás 13 e 23, comboios especiais procedentes, respectivamente, de Coimbra e da Póvoa de Santa Iria; e a Santa Apolónia chegou ás 13 horas outro procedente do Porto. Muitos dos manifestantes conduziam bandeiras e estandartes. Só do Porto e de Aveiro vieram cerca de 400 estandartes!

O movimento de camionagem foi também muito grande tendo sido autorizada a utilização de camionetas de carga para pessoas que se dirigiam á capital.

De Oeiras veio um comboio especial, com cerca de mil pessoas. De Mafra, Torres Vedras, Vila Franca de Xira, Alenquer, Arruda dos Vinhos, etc., deslocaram-se alguns milhares de pessoas que utilizaram os mais variados meios de transporte.

Palestras nos quartéis e nos navios de guerra

Durante a manhã de hoje, em todos os quartéis de Lisboa, foram proferidas palestras por oficiais subalternos, nas quais se explicou aos soldados o significado das comemorações de hoje. De igual modo, a bordo das unidades da nossa Marinha de Guerra, as respectivas guarnições escutaram idênticas palestras, proferidas por oficiais.

Palestras nos liceus e escolas técnicas

Esta manhã, nos oito liceus da capital, realizaram-se palestras alusivas ao dia festivo, ás quais assistiram todos os professores e alunos daqueles estabelecimentos de ensino. Essas palestras efectuaram-se, indistintamente, nas salas de aulas ou nos salões nobres dos liceus.

Também em todas as escolas industriais se efectuaram palestras sobre o significado do dia de hoje. Na Escola Marques de Pombal, os professores, nas salas de aula, fizeram palestras aos seus alunos; na Escola Machado de Castro, o professor dr. António Brito Neto, com a assistência do director e professores, fez uma palestra para todos os alunos; na Escola Fonseca Benevides, o sr. Mateus Augusto Machado, com a presença dos restantes professores, fez uma palestra para todos os alunos; na Escola Patrício Prazeres, falou o sr. dr. Alvaro Reis Gomes, com a presença dos outros professores e alunos; e na Escola António Arroio todos os professores fizeram preleções durante as aulas.

A inauguração da capela na cadeia de Monsanto

Nas dependências da cadeia de Monsanto, realizou-se hoje, ás 9 horas, uma festa para inauguração da nova capela, agora remodelada e ampliada, com o auxilio de alguns particulares, entre os quais a duquesa de Palmela e o banqueiro dr. Ricardo Espírito Santo. Nas obras trabalharam reclusos daquele estabelecimento presidiário, tendo alguns deles pintado um mural que representa diversas fases da vida de Cristo.

A cerimónia religiosa teve de efectuar-se no átrio da prisão, devido ao grande numero de assistentes, tendo a ela presidido o arcebispo de Cícico, sr. D. Manuel Maria Ferreira da Silva. Entre a assistência encontravam-se os srs. cap. Leite Faria, em representação do dr. Ricardo Espírito Santo; drs. Luis Chaves e David Augusto Fernandes director da cadeia e pessoal, assistentes sociais, congregações religiosas e respectivas educandas e, ainda, oitocentos e cinquenta reclusos.

Durante o acto religioso, foram crismados

muitos presos, servindo de padrinhos as entidades presentes.

Após as cerimónias foi servido um lanche melhorado aos reclusos, sendo-lhes, também, distribuído tabaco.

O interior do edifício foi engalanado com flores e colchas, sendo o rancho melhorado. Hoje o trabalho dos presos estará suspenso.

Cravos do Save por avião

A Escola Comercial de Save, onde funciona uma das alas da Mocidade Portuguesa de Lourenço Marques, enviou ao sr. presidente do Conselho, um acafate com cravos vermelhos, que, daquela cidade ultramarina, foram transportados de avião até Lisboa.

A mensagem do chefe do Estado

(Continuação da 1.ª página)

terrível tormenta que ensanguentou a Terra de cabo a cabo.

Neste transe de tantas preocupações, em que pôs toda a sua vontade de bem servir, revelou-se aos Portugueses e ao Mundo como diplomata no mais perfeito significado da palavra. (Palmas prolongadas).

Normalizada a vida financeira do País e passados os tempos negros das guerras, do mesmo modo que cuidava de melhorar a nossa economia, lançava as bases em que deveria assentar o futuro político da Nação, ou seja, estabelecia as condições políticas, administrativas e sociais, garantia do ressurgimento nacional.

Não se deveu um momento—que a vida é bem curta para tamanha empresa—e perante um Mundo em plena crise, sem rumo, sem farol, dá ao País uma doutrina, um programa.

O novo estatuto constitucional, inspirado nas melhores tradições portuguesas e elaborado em conformidade com as realidades do presente, criou um Estado capaz de defender os verdadeiros interesses nacionais.

Se já antes de impunha por magnífica acção a conduzir a nossa política externa, mostra, mais uma vez a sua clarividência, a estruturação da organização política da Nação, apontando a estrada larga por onde agora e no futuro as gerações podem confiadamente caminhar.

Entretanto, o Governo presidido pelo sr. doutor Oliveira Salazar dá impulso decisivo á economia nacional, em aproveitamento dos bens e aperfeiçoamento dos métodos de trabalho, de modo a permitir, no futuro, um rendimento que dê, aos Portugueses vida mais fácil e desafogada; Constroem-se pontes e fábricas e portos; erguem-se barragens para aproveitar as águas dos rios que correm inúteis para o mar; activa-se a prospecção dos minérios que jazem no subsolo; levantam-se hospitais e escolas; procura-se melhorar as condições das terras e empregar novos processos do trabalho agrícola e tantas outras benfitorias que é um louvar a Deus, levadas a cabo por esse Portugal fora de água e além-Mar. (Muitas palmas).

Já sem surpresa, que não é indiferença, o País assiste continuamente á conclusão de grandes realizações. O professor ilustre de há 25 anos é hoje um grande homem de Estado respeitado universalmente, realizador de uma obra administrativa e política notabilíssima. Essa obra abarca todos os sectores das actividades do Império e, sendo prodigiosa no plano material das suas realizações, não é menos grandiosa no que respeita aos problemas do espirito. Se em dado momento, dominou a preocupação de cuidar do alimento do corpo, sem o qual o homem não pode subsistir, já não foi descuidada a cultura do espirito, sem o que a vida perde sentido e beleza.

E aspiração de todos os Portugueses e meu ardente voto que a Providência conserve a saúde do presidente Salazar, a fim de poder continuar a sua patriótica missão, para prestígio de Portugal, sua prosperidade e grandeza. (Uma grande salva de palmas coroou a mensagem do chefe do Estado).

A concentração dos manifestantes e a apoteose das bandeiras

Teve grande imponência o cortejo de homenagem ao sr. presidente do Conselho, que esta tarde desfilou nalgumas ruas de Lisboa, a caminho da Assembleia Nacional.

Todas as artérias do percurso, como, praticamente, as de toda a cidade, estavam engalanadas com bandeiras e colchas nas janelas.

Os manifestantes começaram a concentrar-se ás 14 horas, nos locais que previamente lhes tinham sido marcados, desde o Cais do Sodré até á Avenida D. Carlos I.

Às 14 e 45, o vistoso cortejo de mais de fronteiro á Assembleia Nacional, vindo-se as janelas dos prédios vizinhos cheias de publico que, em alguns pontos, chegava até aos telhados coalhados de gente.

Na escadaria, formavam soldados de Lançaceros 2, com as suas fiamulas rubras na ponta das lanças. No alto, viam-se centenas de oficiais do Exército, da Armada, da G. N. R., Guarda Fiscal, Legião e da Brigada Naval.

Por meio de alto-falantes, instalados no edifício da Assembleia é na Avenida de D. Carlos I, iam sendo transmitidas marchas militares.

Constantemente, vão chegando deputados, procuradores á Camara Corporativa, professores universitários e outros convidados, muitos dos quais acompanhados de senhoras.

Às 15 e 30 o vistoso cortejo de mais de 10.000 bandeiras rompeu a marcha, a caminho de São Bento.

A frente iam as 150 bandeiras históricas que saíram dos Museus e as da Armada e do Exército, do continente, das ilhas e do Ultramar, da Guarda Nacional Republicana, da Guarda Fiscal, da Polícia de Segurança pública, do Colégio Militar e do Instituto dos Pupilos do Exército.

As referidas bandeiras foram acompanhadas por uma escolta de honrada formada por uma companhia de Infantaria do Exército, com banda de musica e terno de corneteiros e tambores.

Os estandartes históricos militares eram conduzidos por cadetes da Escola Naval e da Escola do Exército.

O segundo nucleo do cortejo era formado por 240 bandeiras dos comandos geral e distritais da Legião Portuguesa e de todas as unidades legionárias do País, que saíram do antigo Quartel de Marinheiros, em Alcantara, trazendo á frente a banda e o terno de clarins da Brigada Naval, e como escolta de honra um terço de infantaria legionária, que as acompanharam até ao cimo da Rua de Santo Amaro.

Eram 16 horas, quando as bandeiras da van-

guarda do cortejo chegaram ao extremo Norte da Avenida D. Carlos I, aguardando que terminasse a sessão da Assembleia Nacional para desfilarem ante os chefes do Estado e do Governo.

Nos prédios das imediações do palácio, viam-se muitas dezenas de bandeiras e de colchas.

O edifício do Parlamento estava vistosamente engalanado, com bandeiras e faixas com as cores nacionais.

Exteriormente, o policiamento era dirigido pelos srs. tenente-coronel Camo, segundo comandante da Polícia de Segurança Publica, e capitão Cascais; e interiormente pelos inspectores da Polícia Internacional e da Defesa do Estado, Alcarva e Clara.

Toda a Avenida de D. Carlos oferecia, então, um aspecto deslumbrante, verdadeiro mar de gente e de bandeiras prolicromadas. Nas janelas do Palácio da Assembleia Nacional, o chefe do Estado e presidente do Conselho, membros do Governo e muitas senhoras puderam presenciar o desfile, constantemente vitoriado pela multidão.

Depois de terminada a sessão da Assembleia, o cortejo das bandeiras desfilou, diante do palácio, assomando, então, a uma das janelas, os chefes do Estado e do Governo, que foram delirantemente aclamados.

Nessa altura—já passava das 16 e 45—novas esquadilhas de aviões militares sobrevoaram o local, enquanto o cortejo dispersava, depois de desfilarem diante do Palácio da Assembleia Nacional.

O aspecto da cidade e a afluência de manifestantes

Lisboa, que já ontem aparecera com algumas janelas engalanadas e embandeiradas, apresentou á noite muitos edifícios iluminados, especialmente organismos corporativos e colectividades económicas. Também muitos estabelecimentos comerciais apresentaram as suas montanhas decoradas, vindo-se na sua maioria retratos do sr. dr. Oliveira Salazar, em molduras e entre bandeiras nacionais ou colocados sobre damasco vermelho. O dia de hoje foi anunciado por girandolas de foguetes e morteiros queimados pela maioria das quarenta e três Juntas de Freguesia de Lisboa. Algumas filarmónicas chegaram á capital, vindas de vários pontos do País, fizeram ouvir pelas ruas o som das suas alegres marchas. Entretanto, aumentava a intensidade do movimento pela cidade. Apareciam nos mastros mais bandeiras verde-rubras, e muitas delas

O novo Hospital Escolar

(Continuação da página central)

E prosseguiu:

—Os anos passaram. Salazar entra para o Governo. A população aumenta. Pouco a pouco define-se uma política de saúde, e facultam-se os meios que permitem a sua projecção nos factos. E os resultados? Estão á vista de todos. Em 1952, numa população de 8.585.144, ou seja superior em cerca de um terço (32,57 %) á existente em 1926, o numero de óbitos não foi além de 100.317, ou seja o mais baixo verificado em qualquer ano deste século e nos ultimos decénios da anterior, quando a população regulava por metade da actual.

«A taxa de mortalidade que nos alvorea da Revolução era de 19,76—a mais alta da Europa!—passou, nos ultimos anos, para 12,11 em 1950, 12,36 em 1951, e 11,73 em 1952, taxas estas inferiores ás verificadas, entre outros países, na França, na Bélgica e na Inglaterra. Assim, não só alinhamos com alguns dos países que prestam mais atenção á sua defesa sanitária, como ainda os ultrapassamos. Os resultados obtidos mostram que, também no domínio da saúde, o rumo traçado nos ultimos anos está certo.

«Só há, pois, que prosseguir nele, visto que o numero de vidas poupadas em cada ano paga com usura os esforços e o capital despendidos. Essa poupança, que é da ordem das 50.000 vidas em cada ano, subiu em 1952 para 69.325,—numero este que corresponde á diferença entre os óbitos verificados (100.317) e os que se verificariam (169.642) se a taxa de mortalidade de 1926 se mantivesse.

Outros passos do seu discurso:

—O sr. ministro das Obras Publicas, ao dar-nos, em síntese, a história do Hospital Escolar de Lisboa, pôs em relevo a acção dos médicos, arquitectos e engenheiros que o conceberam e realizaram. Salientando, como era justo, o prof. Francisco Gentil e o eng.º Jácóme de Castro, e mostrou-nos por meio de numeros expressivos a sua grandeza.

Permita-me agora V. Ex.ª que eu faça uma ligeira referência a outros dos seus principais obreiros. A construção iniciou-se quando sobrava a pasta das Obras Publicas o saudoso ministro Duarte Pacheco. A poucos anos de distancia do seu falecimento, falta-nos ainda a perspectiva necessária á justa apreciação da sua obra. O seu dinamismo, a sua inteligência, a sua vontade forte contribuíram em muito para que o sonho da transformação material do País se traduzisse em consoladora realidade. E ainda hoje se não sabe se Duarte Pacheco era um pensamento em acção ou se esta era o próprio pensamento,—tanta era a sua facilidade de criar e projectar nos factos a obra imaginada.

«Para Duarte Pacheco, pensar era agir. Como corrente impetuosa que tudo arrasta consigo, a seu lado não havia lugar para os tímidos ou pessimistas, não tolerando que o ceticismo de tantos, tal como a neve ao Sol, se não fundisse ao calor do seu entusiasmo e saudável optimismo.

«Ele morreu como viveu: vertiginosamente. Colheu-o a morte em plena pujança da vida; mas, embora abatendo-o, não o venceu, porque Ele continua a viver na vitoriosa lembrança do muito que legou ao País.

O sr. dr. Trigo de Negreiros referiu-se depois á acção do sr. eng.º José Frederico Ulrich como ministro das Obras Publicas, «que superintendeu na ultima fase da construção deste hospital, applicando no empenho da sua rápida conclusão as suas raras qualidades de inteligência, de trabalho e de dinamismo».

E por fim afirmou:

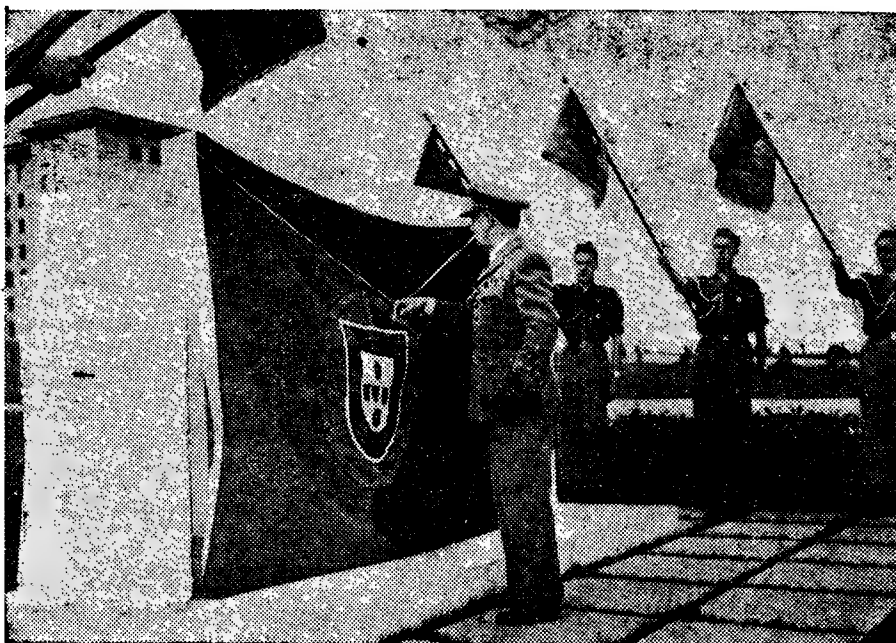
—Referi-me aos primeiros obreiros, e omiti o primeiro de entre todos. E' que talvez não houvesse necessidade de lembrá-lo, de tão presente estar sempre na consciência e na gratidão dos Portugueses. Faz hoje 25 anos que entrou para o Governo, e graças á clarividência politica de V. Ex.ª, sr. presidente da Republica, e do saudoso marechal Carmona e ao apoio incondicional da Nação, foi-lhe possível assegurar a unidade e continuidade de orientação governativa durante este periodo, e, com elas, um volume de aspirações e necessidades publicas já satisfeitas, que não têm paralelo em qualquer outro periodo da nossa história.

O sr. dr. Trigo de Negreiros terminou pondo em relevo o significado nacional da data que hoje se comemora e fazendo o elogio do sr. dr. Oliveira Salazar, do homem, do seu caracter, da sua inteligência e das suas virtudes excepcionais e da obra realizada nos vinte e cinco anos do seu Governo.

O chefe do Estado condecora os principais realizadores da obra

Após uma nova «salva» de palmas, usou, por fim da palavra, o chefe do Estado, que disse:

—Empresa notável foi esta da construção do imponente edificio hospitalar que hoje inauguramos, onde se oferecem aos futuros médicos os meios de poderem fazer a sua preparação profissional e os que sofrem encontram alívio para os seus padecimentos. Os nossos Serviços de Saúde ficam dispondo de um hospital dotado de todas as condições para o exercicio da sua benemérita acção, satisfazendo-se, assim, as exigências cada vez mais prementes da população que necessita de assistência médica.



O chefe do Estado no momento de desvelar a lápida onde se assinala a inauguração do novo Hospital Escolar

A vastidão do edificio, o numero elevado de doentes que comporta e dos profissionais e pessoal que aqui vai ser empregado devem criar problemas que os nossos administradores não estão habituados—como é natural—a resolver, mas confiamos em que a boa vontade de todos há-de conseguir que seja perfeito o funcionamento desta grande organização.

E acrescentou:

—Muitos foram os que contribuíram com os seus méritos profissionais para a execução de tão custosa obra; a todos dirijo agradecimentos e louvores, pelo zelo que puseram no desempenho dos cargos ou trabalhos que lhes foram confiados.

O sr. general Craveiro Lopes disse, por fim, que o Governo entendera propor, para serem distinguidos, alguns colaboradores do sr. ministro das Obras Publicas, que mais concorreram para a realização desta obra monumental, pelo que resolvera agraciá-los.

O chefe do Estado, procedeu, então, á entrega de condecorações que atribuiu. Começou por entregar ao sr. prof. Francisco Gentil a Grã-Cruz de Santiago, acto que foi sublinhado por uma prolongada e significativa salva de palmas da assistência.

Seguiu-se a entrega das insignias de grande official da Ordem de Cristo ao sr. eng.º Jácóme de Castro, a quem foi também tributada uma expressiva ovação.

Seguidamente, receberam das mãos do chefe do Estado as comendas da mesma Ordem os srs. engenheiros Tavares Cardoso, Eduardo Carvalhal, arquitecto João Simões, engenheiros Tomás Eiró e Teixeira de Sampaio, recebendo cada um palmas dos assistentes.

Finalmente, o sr. general Craveiro Lopes entregou as insignias da Ordem do Mérito Industrial ao fiscal das obras Domingos Barros e aos encarregados dos empreiteiros Zélio Simões, Desidério Duarte, Angelo Couto, Anibal Cabrita e Carlos Coelho.

Terminada a sessão, o sr. presidente da Republica e as restantes individualidades convidadas fizeram uma visita a alguns serviços do grandioso hospital. Quando o chefe do Estado chegou, de novo, ao átrio de entrada, era quase meio-dia e meia hora. O sr. general Craveiro Lopes abraçou o sr. ministro das Obras Publicas, num efusivo abraço de felicitações, cumprimentou com significativas palavras de louvor os srs. prof. Francisco Gentil e engenheiro Jácóme de Castro e retirou-se, acompanhado pelo pessoal da sua casa militar.

Hospital Escolar de Lisboa

equipado completamente com:

Dezenas de milhares de torneiras e misturadoras

«MAMOLI»

Milhares de Fluxómetros (disparadores de água)

«MAMOLI»

e mais aparelhagem especial, fabricadas pela

Metalurgica Luso Italiana, Ltd.ª

(Concessionária das patentes «MAMOLI»)

A Técnica mais moderna no fabrico. Fundição em ligas especiais, por coquilha e prensada

Técnicos especializados na produção de grandes series, sistema unificado

TRAVESSA DAS SALGADEIRAS N.º 7

Lisboa

Telef. 42563

O HOSPITAL ESCOLAR

CONSUMIU MUITAS TONELADAS

DE

TINTAS DYRUP



A TINTA QUE PINTA

Fábrica de Tintas de Sacavém - SARL

Empreiteiros: Soc. Const. Amadeu Gaudencio, Lda.

GRANDE LEILÃO

RICO MOBILIARIO E ADORNOS ESTILO MODERNO E ANTIGO

Optimas mobílias de escritório, sala jantar rustico holandês em magnifica madeira de mogno, camas D. Maria e inglesas, belo piano alemão armado em ferro cordas cruzadas, pratas, carpettes, cristais, porcelanas nacionais e estrangeiras, quadros a óleo, gravuras, armários-roupieiros, linda mobília estilo Luis XV e duas invulgar vitrines douradas Luis XVI, lustres de saco e apliques em cristal, bonitos jogos de maples

E TODO O VALIOSO RECHEIO QUE GUARNECE A ESPLENDIDA

MORADIA APALAÇADA na RUA MARQUES DA SILVA, 12

(junto á Av. Alm. Reis—gaveto Francisco Sanches e Herois de Kionga)

E QUE POR DETERMINAÇÃO DOS SEUS PROPRIETARIOS

Será vendido pelas maiores ofertas

HOJE, Segunda-feira e seguintes, às 21.30 h.

TRATA ESTA GRANDE ALMOEDA A

Agência de Leilões **ERNESTO BENTO JUNIOR**

TELEFONE 32652

Companhia Colonial de Navegação

LINHA DE AFRICA N/V «PUNGUE»

A sair em 8 de Maio, com escala por Leixões, para: Principe, S. Tomé, Cabinda, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.

N/Motor «AMBOIM»

A sair em 15 de Maio, com escala por Leixões, para Luanda, Porto Amboim, Lobito, Moçamedes, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Paquete «IMPERIO»

A sair em 19 de Maio, com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cap Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre transporte de bagagens.

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefones 30131 - 30138
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telefone 23312

SIVEL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE VIDROS E ESPELHOS, LDA.

CAMPO DOS MÁRTIRES DA PAÍRIA, 97 - LISBOA - TELEFONE: 5 1325 - END. TELEG.: SIVEL

Tem a honra de tornar publico que depois de ter envidraçado grandes obras, entre elas, Instituto Nacional de Educação Física, Batalhão de Engenheiros — Amadora, Instituto Português de Oncologia, Standard Electrica, Cinemas São Jorge, Monumental e Império, Regimento de Infantaria 2 — Abrantes, etc., etc., envidraçou, também, totalmente a maior construção do País

NOVO HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA

obra esta que de sobremaneira honra a Nação.

Stilbepan
Líquido e Emulsão

com acção hormonal e vitamínica

● TRATA e EVITA as doenças que provocam
QUEDA DO CABELO

CASPA

EMBRANQUECIMENTO PRECOCE

● RESTITUE a flexibilidade aos cabelos



STILBEPAN

EMULSAO

● DISPENSA o uso de Brilhoantinas e Fixadores

STILBEPAN

é um medicamento D.A.G.R.A. LTD. HOLANDA

STILBEPAN

EMULSAO

pode ser usado simultaneamente com STILBEPAN líquido oleoso ou não oleoso

REPRESENTANTE EM PORTUGAL:

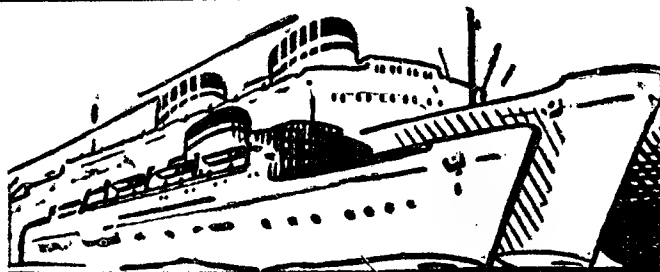
SOLACA, Limitada

LISBOA - R. de Santa Marta, 47, 2.º - Telef. 44809

PORTO - R. de Alegria, 171, 2.º - Telef. 25696

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS, vias rinofaríngeas—Venero—Sifili
Travessa Nova de S. Domingos, 9,
1.º, às 15 horas Telefone 2 9062



"ITALIA"
SOCIETA DI NAVIGAZIONE

PARA:

HALIFAX e NEW YORK

Recebendo passageiros e carga

OS PAQUETES:

De 24.000 toneladas

«SATURNIA» 8 DE MAIO

«VULCANIA» 17 DE MAIO

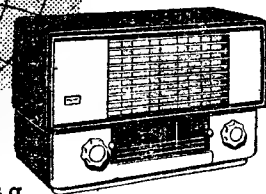
OS AGENTES GERAIS:

E. PINTO BASTO & C.ª, LIMITADA

(Secção Marítima)

Praça Duque da Terceira, 20-26 — Telef. 31581 (10 linhas)

MÚSICA
DE TODO
O MUNDO



Graças a

Mediator

o rádio que não mede distâncias

Modelo M 357 U Preço 1.850\$00

TEM AUTOMÓVEL?
EM 3 HORAS

Pode levantar dinheiro s/ seu auto, camion, p. hipoteca, juro lei, curto ou longo prazo, ficando viat. na posse s/ proprietário, c/ sigilo. Tel. 40372.

MALA REAL INGLESA

ROYAL MAIL LINE, LIMITED

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & C.º LTD. e E. PINTO BASTO & C.º LD.º

PAQUETES	ESPERADOS EM:	DESTINO:	RECEBENDO:	CONSIGNADOS A:
M/V «H. CHIEFTAIN»	3 de Maio	Vigo e Londres	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes. Carga geral	E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.ª Av. 24 de Julho, 1, 1.ª Tel. 31581 (7 linhas)
M/V «H. BRIGADE»	13 de Maio	Las Palmas, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes Carga geral e de frigorífico	James Rawes & C.º Ltd. Rua Bernardino Costa, 47 Telefones 2 3232-3-4
S/S «ALCANTARA»	14 de Maio	Vigo, Cherbourg e Southampton	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Carga geral	
M/V «H. PRINCESS»	24 de Maio	Vigo e Londres	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes. Carga geral	E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.ª Av. 24 de Julho, 1, 1.ª Tel. 31581 (7 linhas)

A carreira do dr. Oliveira Salazar

(Continuação da 6.ª página)

meio até à rendição incondicional que pôs termo ao segundo.

A vitória dos nacionalistas espanhóis e a instauração do regime chefiado pelo generalissimo Franco foram, com o seu complemento diplomático, a celebração dos acordos que cimentaram a amizade peninsular, o coroamento da actividade desenvolvida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português numa fase particularmente delicada da nossa vida de relação e da nossa política externa. Essa provação seria, porém, apenas o prólogo de novas e mais dolorosas condições que foi necessário enfrentar, com animo e firme intenção de salvaguardar a independência nacional, sem quebra da nossa dignidade e da nossa missão no Mundo.

Aliados da Grã-Bretanha, directamente envolvidos no conflito, que de começo tomou para esse país aspectos pouco favoráveis, vizinhos e amigos da Espanha, que acabava de atravessar o transe de uma guerra civil prolongada e mortífera, mantendo relações normais, e sob certos aspectos cordeais com outros países que, em campos opostos, lutavam heroicamente pela sua sobrevivência ou pela realização das suas aspirações, a nossa posição europeia foi directamente afectada, mais de uma vez, pela sorte caprichosa e por vezes desconcertante da luta.

As dificuldades que resultavam destas contingências foram agravadas, em termos especiais pela nossa posição no Mundo e pela nossa situação de nação imperial, com responsabilidades efectivas de soberania em pontos distantes do Globo, que não foram poupados ao contágio da conflagração iniciada na Europa. Nas ilhas portuguesas do Atlântico onde a rivalidade aérea e naval dos beligerantes se fez sentir por um duelo quotidiano, nas parcelas africanas do Império português cuja uni-

dade e coesão era indispensável acautelar nas paragens distantes desse império situadas no Extremo Oriente que a intervenção militar do Japão transformou em centros nevralgicos, por toda a parte se impôs a necessidade de uma orientação firme e maleável que, sem excluir o cumprimento imperativo das nossas obrigações internacionais, se ajustasse à defesa vigorosa do interesse nacional.

Conceber essa orientação nas suas linhas gerais, adaptá-la diariamente às flutuações caprichosas de uma situação que se modificava ao sabor das operações militares, foi, em síntese, a norma inalterável seguida pelo ministro dos Estrangeiros de Portugal numa época perturbada e contingente da vida nacional e internacional.

Função predominante das condições de política externa na evolução e nas soluções impostas pelo interesse nacional

A cessação das hostilidades em 1945 não coincidiu com o restabelecimento da paz tal como esta expressão era entendida no passado. A guerra, com os seus horrores e os seus perigos, seguiu-se a guerra fria, com as suas emboscadas, as suas subtilidades e as suas surpresas. Salazar, embora abandonasse a direcção efectiva do Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1946, continuou a manter uma vigilância cautelosa no plano internacional e a orientar superiormente a política externa da nação, a qual entrou numa fase particularmente activa e fértil em actos de grande transcendência.

As exigências da guerra, da nossa posição atlântica, e das nossas obrigações voluntariamente assumidas e nunca negadas, levaram-nos a concluir, durante as hostilidades, arranjos nas ilhas atlânticas e a suportar em Timor o peso de uma ocupação que, nem por ser limitada, deixou de se revelar penosa para o nosso orgulho e para a nossa condição de nação livre e soberana. A primeira tarefa a que o Governo e o seu chefe se consagraram, depois do termo das hostilidades, foi a do restabelecimento pleno dessa soberania, em todas as parcelas do Império português, mesmo as mais distantes.

A liquidação da guerra, que foi trágica para todos os beligerantes que nela sofreram perdas incalculáveis em vidas e haveres, foi igualmente difícil para os neutros que apesar de afastados ou poupados de contacto directo das suas exações e depredações, não se eximiram a sacrifícios imperativos. No nosso caso, apesar de ser relativamente limitado o preço que tivemos de pagar por ela quando comparado com o que foi pago pela quase totali-

dade dos países europeus, a influencia da guerra de 1939-1945 na marcha ascensional da nação pode considerar-se decisiva, pelas suas repercussões imediatas e pela sua projecção distante.

Na falta de um tratado de paz que regulasse as relações entre vencidos e vencedores e dividindo-se estes ultimos em campos inconciliáveis, não podíamos deixar de definir claramente a nossa atitude na competição que se iniciou em 1945, e ficara conhecida na história pela designação equívoca de guerra fria. Pela nossa situação geográfica, pela nossa tradição, pela natureza dos nossos interesses, pela orientação definida com a reforma da vida nacional iniciada a partir de 1928, alinhámos com países que simbolizavam e assumiram o encargo de defender os postulados seculares da civilização ocidental.

Signatários do Pacto do Atlântico, concluído em Abril de 1949, a acção do chefe do Governo português fez-se sentir de maneira directa na condução da nossa política externa depois dessa data e de forma indirecta na série de discursos proferidos nos ultimos anos, em que focou as condições da luta que divide o Mundo e pôs em evidencia as características da posição portuguesa. Essa posição resume-se em fazer causa comum com as grandes potencias do Ocidente, cumprir as obrigações que resultam da nossa condição de aliados da Grã-Bretanha e de amigos da Espanha, e trabalhar a favor da paz.

A realização destes objectivos nem sempre tem sido fácil e cómoda. Além da contribuição efectiva dada pelo Governo português para tornar viáveis as soluções impostas pela evolução caprichosa dos acontecimentos para evitar ao Mundo a provação de uma terceira guerra, a intervenção pessoal do seu chefe orientou-se sempre no sentido de conciliar pontos de vista divergentes e pôr de acordo interesses estranhos nem sempre devidamente compreendidos e respeitados.

Política atlântica, política de alianças, política peninsular, política imperial, tais são as facetas variadas e exigentes da política externa de Portugal neste momento, a que é necessário atender e considerar na nossa vida de relação e convívio no Mundo. Ao mesmo tempo que procura dar-lhes satisfação, o chefe do Governo português continua, com a sua intervenção constante e o seu exemplo quotidiano, a obra de renovação interna que, nos seus multiplos aspectos, procura levar a cabo desde que, há um quarto de século, assumiu as funções de ministro das Finanças, em 27 de Abril de 1928, uma data de significado histórico para a vida e para o futuro de Portugal.

Melhoramentos locais

(Continuação da 3.ª página)

lebrou-se «TeDeum» em acção de graças pela saúde do sr. dr. Oliveira Salazar, acto que foi largamente concorrido e a que assistiram, além de outras individualidades, o reitor e professores universitários, autoridades civis e militares, magistratura, e.c., tendo presidido à solenidade o sr. arcebispo-bispo-conde.

Às 14 horas, no salão nobre dos Paços do Concelho, realizou-se uma sessão solene a que assistiram aquelas entidades e em que discursaram o presidente da Câmara Municipal, sr. brigadeiro dr. Correia Cardoso, e o sr. prof. dr. José Carlos Moreira, vice-reitor da Universidade, que evocaram o nome e a obra de Salazar. O vasto salão estava repleto de gente, que aplaudiu calorosamente os oradores e o nome do sr. dr. Oliveira Salazar. O átrio da Câmara Municipal, que estava pejado de gente e onde se desafiavam as crianças das escolas, foi ouvida, por transmissão sonora, a mensagem do chefe do Estado.

*

BEJA, 27—(Pelo telefone)—Integrado no programa das comemorações do 25.º aniversário da entrada de Salazar para o Governo, inauguraram-se hoje, nesta cidade, dois importantes melhoramentos: o novo edifício dos Paços do Concelho e o estádio municipal. A ambos os actos assistiram as principais autoridades locais e muito povo.

No novo edifício da Câmara Municipal, reconstruído após o incêndio de 1947, foi descerrada uma lápida comemorativa do acto inaugural, durante o qual falou o presidente, sr. dr. António da Silva.

Na inauguração do Estádio «José Ferreira Ulrich», onde também foi descerrada uma lápida comemorativa, falaram os srs. dr. José António da Silva e dr. Covas Lima, este ultimo, em nome da União Nacional e da Associação de Futebol de Beja.

*

CUBA, 27—(Pelo telefone). — Salvas de morteiros, às 7 da manhã, anunciaram hoje o início das homenagens ao presidente do Conselho, seguindo-se o desfile da Filarmónica 1.ª de Dezembro, que, diante do Município, tocou no acto do hastear da bandeira. Às 15 e 15 houve repique de sinos e às 15 e 30, hora a que telefonamos, o publico começa a concentrar-se no Largo do Tribunal, para escutar a transmissão do relato das cerimónias desenroladas na Assembleia Nacional. Mais tarde, será inaugurado o Bairro de S. Vicente, para as classes pobres, e, à noite, haverá concerto publico, marchas luminosas e ar-raial.

Na Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 27—(Pelo telefone)—Integrado nas solenidades comemorativas do 25.º aniversário da entrada do sr. dr. Oliveira Salazar para o Governo, foram inaugurados festivamente, pelo sr. presidente da Câmara, vários melhoramentos nas freguesias do concelho, destacando-se, pelo seu maior valor, a luz eléctrica na povoação da Serra da Boa Viagem, e uma estrada na povoação de Lavos. Foram também inaugurados, em Vila Verde, um largo a que foi dado o nome do chefe do Governo; e uma rua a que foi dado o nome do sr. Mário Barraca.



ELEGÂNCIA E DISTINÇÃO
SÃO DUAS CARACTERÍSTICAS DESTES
RECEPTOR **MURPHY** ONDAS MÉDIAS E
CURTAS 5 VÁLVULAS ESPLÉNDIDA CAPTAÇÃO
TA-208 — COR. ALTERNADA 110 E 220 VOLT.
TU-208 — COR. ALTERNADA E CONTÍNUA 220 VOLT.
ESC. 2.650,00

GENERAL ELECTRIC
PORTUGUESA

AR-11

ETP

AGUAS DO VIMEIRO

Previnem-se os Exm.ªs Consumidores da Agua do Vimeiro, que nos escritórios da Empresa se recebem os calendários de futebol, acompanhados de 24 capsulas de garrafa, para admissão no sorteio de 3 estágios de 8 dias e 10 fins de semana, no Hotel das Termas, cujo sorteio se realiza no dia 16 de Maio, pelas 15,30 horas.

CASINO ESTORIL

PROGRAMA DA SEMANA

2.ª Feira, 27—«A chama da Arábia» (para maiores de 15 anos), com Jeff Chandler e Maureen O'Hara; 3.ª feira 28—de tarde e á noite—«Amanhã será tarde» (para maiores de 18 anos), com Vittorio de Sica e Pierangelini. «Actualidades Francesas»; 4.ª feira, 29—«A ultima reportagem» (para maiores de 18 anos), com Howard Duff e Peggy Dow. «A marcha do Tempo»; 5.ª feira, 30—de tarde para maiores de 13 anos, á noite para maiores de 15 anos, «Os filhos dos três Mosqueteiros», com Cornel Wilde e Maureen O'Hara; 6.ª feira, 1—«Foge comigo!» (para maiores de 18 anos) com Clifton Webb e Anne Francis; Sábado, 2—de tarde, para maiores de 6 anos, á noite, para maiores de 15 anos, «Milagre de Fátima», com Gilbert Roland e Angela Clark; Domingo, 3—de tarde, e á noite—«Homens na Arena» (para maiores de 15 anos), com Robert Stack e Joy Page.

Conjuntos: Tóry Amaral e Vieira Pinto. Todos os domingos—Chá dançante. Todas as noites—Baile.

ALGÉS



Augustos Fernandes
Bagão

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua mulher e filhos mandam rezar missa pelo primeiro aniversário da sua morte, na Igreja de S. Nicolau, dia 28, pelas 11 horas. Agradecendo a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

CABELOS SECOS?



Cabelos secos não suportam que os descuidem, tornam-se baços e quebradiços... acautele-se com a caspa e a queda do cabelo. É-lhe preciso a Loção Silvikrine Oleosa. Ela dá ao coiro cabeludo uma nova vitalidade pelo seu conteúdo de Silvikrine pura, alimento biológico do cabelo. Silvikrine pura é semelhante ao «sebum» das glandulas sebáceas. Dá aos cabelos um brilho novo, ao penteado uma segurança impecável. Massage todos os dias o seu coiro cabeludo com algumas gotas. É tudo. É o que há de melhor.

Loção **Silvikrine**

Oleosa

A Loção Silvikrine faz-se também sem óleo, para cabelos normalmente gordurosos. Contra a queda grave, cabelos ralos e caspas rebeldes: «Silvikrine Pura».

Sporting, campeão de 52-53

Vitória indiscutível do melhor

Terminou ontem mais um Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão. A jornada de encerramento, já com o vencedor e o último classificado apurados, teve escasso interesse. Toda a expectativa incidia sobre a qualificação para o penúltimo lugar, no qual estavam em riscos de cair nada menos de quatro concorrentes. Portanto, as maiores atenções voltaram-se para os campos da Tapadinha e de Guimarães — mórmente para o último, pois admitia-se mais que se decidisse ali o indesejável lugar.

A jornada não chegou a fornecer surpresas. O Sporting jogou em Coimbra contra a Académica. Os dois contendores actuaram já sem preocupações — a equipa «leão» contenta da revalidação do título; os estudantes sossegados, sem preocupações quanto à sorte que lhes estava destinada, quicá com as suas limitadas aspirações já satisfeitas.

Esta disposição das equipas favoreceu as características da luta, pois os dois grupos, sem a necessidade absoluta de jogarem para um resultado favorável, puderam entregar-se ao jogo pelo jogo, realizando, sobretudo na 1.ª parte, uma acção exultante, com os estudantes a replicarem bem.

O Benfica jogou no Porto contra o Boavista. Os «encarnados», também, certos do lugar que lhes estava destinado, não tiveram precisão de se aplicar a fundo, nem contribuíram para que a luta fosse de «vida ou de morte». Os portugueses careciam mais de um resultado favorável e assim se compreende que tenham formado a equipa com mais iniciativa. O empate já serviu aos portugueses.

Em Setúbal, o Vitória disputou animada partida com o Belenenses. A luta teve motivos de agrado, pois o resultado esteve por muito tempo indeciso, embora os sadinos bem justificassem a vantagem que tardou muito.

Na Covilhã, o F. C. Porto venceu... mas não convenceu. Ao invés, os «leões da serra» formaram a melhor equipa sobre o terreno.

O desafio da Tapadinha deu o único empate da jornada. Os donos do campo não conseguiram vencer, porque o seu sector ofensivo não teve talento para bater a bem organizada defesa dos eborenenses. O empate chegou para os alcantarenses se safarem de uma situação perigosa.

No Estoril, o Barreirense acabou por vencer por margem mais confortável do que se esperava. Admitia-se que os estorilistas não deixassem de se esforçar por sair airoso do contacto com os maiores do futebol português. Mas, pelos vistos, não sucedeu assim e os barreirenses acabaram por vencer mais facilmente do que se previa.

Resta falar do desafio de Guimarães — o desafio do dia. Os locais venceram o desafio. As alternativas do marcador mantiveram de princípio a fim o interesse pelo desfecho da contenda. Os vimaranenses salvaram-se nos últimos minutos. E de que maneira? Com um golo que lhes valeu cinco lugares. Quem pensaria que o Guimarães viesse a abrir a segunda metade da tabela?

A classificação final ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					F.	C.	
Sporting	26	19	5	2	77	22	43
Benfica	26	17	5	4	75	27	39
Belenenses	26	15	6	5	60	29	36
F. C. Porto	26	16	4	6	58	35	36
Barreirense	26	10	8	8	44	40	28
V. Setúbal	26	11	5	10	40	33	27
L. de Évora	26	10	5	11	31	44	25
Guimarães	26	7	6	13	28	54	20
Covilhã	26	7	6	13	38	54	20
Boavista	26	7	6	13	35	54	20
Académica	26	7	5	14	39	57	19
Atlético	26	6	7	13	33	52	19
Sp. Braga	26	8	2	16	37	58	18
Estoril	26	5	4	17	28	64	14

O Sporting venceu o campeonato e não fez mais do que confirmar as previsões nascidas há algumas semanas. Vitória indiscutível do melhor. Os «leões» na verdade, justificaram amplamente a obtenção do título, mercê do ataque mais eficiente e da defesa mais segura.

O Benfica é, de novo, subcampeão. O lugar é, de certo modo, familiar aos «encarnados» e não lhes assenta nada mal. Na derradeira jornada os benfiquistas distanciaram-se do vencedor, mas a sua posição justifica-se amplamente, pois é a única equipa que em golos marcados e sofridos se aproxima do campeão.

O Belenenses e o F. C. Porto seguem-se lado a lado, numa igualdade de pontuação que ontem se fixou, mas não alterou a ordenação das duas equipas que vinha a registar-se há já algumas jornadas.

O quarteto da frente quase reflecte a existência de um torneio à parte. Com efeito, estas quatro equipas podem considerar-se num plano diferente das restantes, como as mais capazes de conquistarem o título. E, sendo, repare-se na distância a que ficou o quinto classificado — nada menos de oito pontos de atraso.

O Barreirense firmou-se no 5.º lugar. Francamente muito bom, atendendo aos clubes que o antecederam. Uma posição que tem sabor de vitória final... O Vitória vem a seguir e foi a sombra negra dos barreirenses. Ainda, dentro da primeira metade da tabela da classificação, vamos encontrar o Lusitano de Évora. Não pode deixar de se referir que os dois clubes que ascenderam este ano à 1.ª Divisão se portaram briosamente.

Há, também, um salto apreciável do 7.º para o 8.º. É um relance sobre a segunda metade da tabela, diz-nos bem quanto a luta foi cerrada entre os de mais fracas possibilidades. De tal modo que a ordenação só foi possível mercê das condições estabelecidas para os casos de igualdade — casos em que um golo vale sempre muito.

É o caso do Vitória de Guimarães, talvez, há poucos dias nunca pensasse em colocar-se tão bem na tabela.

Neste lote dos últimos, o que mais chama a atenção é vermos nele o Atlético. A equipa lisboeta salvou-se por uma «unha negra» e mercê da sua razoável primeira volta. Porque na segunda metade da prova não logrou uma única vitória.

O Braga terá sido pouco afortunado e o Estoril veio a fixar-se num posto que, afinal, se coaduna com as fracas possibilidades reveladas ao longo da prova.

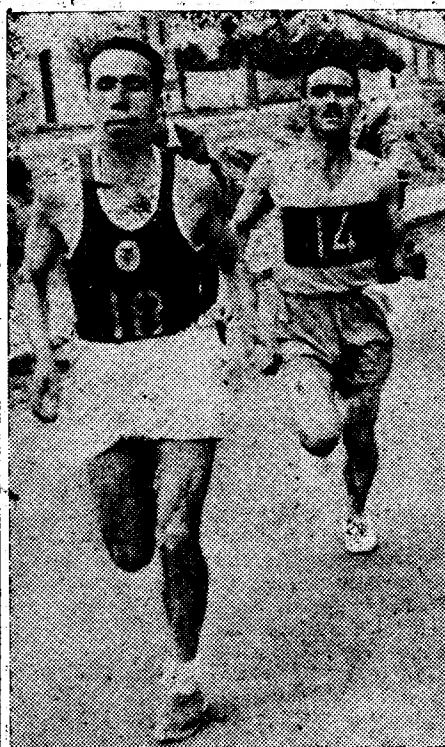
LUTA LIVRE AMERICANA

Há nos meios desportivos grande expectativa acerca do resultado do combate anunciado para hoje no Estádio Internacional: Saludes contra Gasnier.

Do resultado deste combate depende muito a posição de Saludes com vista ao Campeonato da Europa. Saludes, vai encontrar em Gasnier um adversário da sua categoria.

DESPORTOS

Recomeça o atletismo



Finalmente a modalidade voltou a dar sinal de vida. Ontem, no Porto, correu-se a primeira prova oficial, a «Maratona», em que participavam corredores lisboetas, todos do Benfica. Quebrou-se assim o litígio que há muitos meses imperava. Ainda bem. O que é necessário é que as entidades oficiais melhorem a situação da A. A. L., a primeira do País. A sua situação é grave e, neste momento, nada melhor do que encorajar aqueles que têm sobre os seus ombros o ressurgimento da modalidade. Felicitamo-nos pelo momento de inspiração que permitiu encontrar solução para tão momentoso problema. A gravura mostra-nos o momento em que José Duarte, do Benfica, comandava a Maratona, seguido de Inácio Ribeiro, do Operário, do Porto, que viria a ser o vencedor — estabelecia novo tema do Norte.

RAGUEBI

Agronomia venceu o Campeonato de Lisboa

Terminado o Campeonato de Lisboa, Agronomia, em primeiras categorias e o Sporting, em reservas, foram os vencedores da prova.

Agronomia junta o triunfo deste ano ao do ano passado, conservando o título de campeão por mais uma época, demonstrando a tese de que os campeonatos são para as melhores equipas, não podendo fugir o título a quem o procura.

A prova de 1953 disputada num ritmo animado com mudança e troca de posições deixou bem esclarecida a necessidade de trazer ao rugby gente nova que renda os veteranos, os de sempre, hoje fora da velocidade do jogo. Por esta e outras razões, Agronomia ganhou o Campeonato de Lisboa, tendo começado a prova por uma derrota que, em vez de lhe cortar a carreira, lhe deu um título.

Nos jogos de ontem, Agronomia derrotou o C. D. V. L. por 9-3, Direito venceu o Sporting por 12-9 e Belenenses e Benfica empataram a 5 pontos.



A equipa de honra do Sporting Clube de Portugal, vencedora do Campeonato Nacional de 1952-53 (8 títulos máximos, 3 consecutivos)

SEGUNDA DIVISÃO

Salgueiros e C. U. F. têm assegurada a passagem à fase imediata

A quinta jornada da terceira fase do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão forneceu os seguintes resultados:

Sanjoanense, 1-Salgueiros, 2
Académico, 2-Torriense, 2
Oriental, 0-C. U. F., 1
Juventude, 2-Portimonense, 1

Mercê destes resultados a classificação passou a estar assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Golos		P.
					f	C	
GRUPO NORTE							
Salgueiros	5	4	1	—	12	4	9
Torriense	5	2	1	2	8	8	5
Sanjoanense.	5	2	—	2	5	8	4
Académico	5	—	2	3	4	9	2
GRUPO SUL							
C. U. F.	5	3	1	1	6	5	7
Oriental... ..	5	3	—	2	13	7	6
Juventude	5	2	1	2	8	6	5
Portimonense	5	1	—	4	5	14	2

Na Zona Norte, o Salgueiros obteve uma difícil e bem merecida vitória sobre o Sanjoanense no campo deste. E tão proveitosa ela foi que os portugueses não só asseguraram a permanência na prova; ou, melhor, a sua passagem à fase final, como, ainda, o primeiro lugar da classificação.

O Académico de Viseu esteve à beira de obter a sua primeira vitória nesta fase, mas o Torriense, foi extremamente brioso e nunca se entregou. Louve-se o espírito de luta dos torrienses compensado com a transformação de um 0-2 em 2-2.

No grupo Sul, onde tudo podia ter, ficado esclarecido, tudo se complicou com vista ao apuramento do segundo classificado.

A C. U. F. veio assegurar ao campo de Marvila a sua continuidade na prova. Vitória difícil, sem dúvida, mas preciosa, que livra os barreirenses de mais preocupações. Inexplicável o abaixamento do Oriental.

Em Évora, o Juventude venceu o Portimonense graças a uma grande penalidade. Como se previa, o Portimonense foi adversário difícil, mas os alentejanos tornaram a dificuldade e ainda podem alimentar esperanças.

NACIONAL DE JUNIORES

Académica e Belenenses a caminho das meias-finais

A primeira «mão» dos quartos de final do campeonato nacional de Juniores em futebol não comportou os quatro encontros logicamente previstos.

O motivo de tal anomalia reside no facto de o F. C. Porto não ter disputado o jogo marcado em virtude do adversário que lhe fora destinado — o S. C. de Vila Real — ter sido eliminado por, nos desafios que disputou contra o Vizela, haver alinhado com dois elementos mal inscritos, segundo informação fidedigna.

E o Vizela, incorrendo na mesma falta, também, não pôde qualificar-se, criando assim uma situação especial ao F. C. Porto, que certamente, preferirá jogar do que ficar quinze dias inactivo.

A Académica de Santarém anuindo aliás com um desportivismo de enaltecer ao pedido do Belenenses para que a partida de ontem fosse disputada em Santarém, foi derrotada por margem, a qual, certamente, não conseguirá contrariar nas Salésias, no domingo. Consequentemente, os campeões alfacinhas — justamente — estão indicados como fazendo parte do elenco das meias-finais.

O mesmo se pode referir quanto à Académica coimbrã, visto esta ter derrotado os leões da Serra, por 4-0, o melhor resultado conseguido pelos vencedores de ontem. Estava prevista a vitória da Biosa, mas não por diferença tão folgada, muito embora se desconhecasse o valor do Sporting da Covilhã, pois era estreante.

Na capital algarvia, o Sporting local bateu o Lusitano, de Évora por 2-1. Logo, vai deabalada, no domingo, até Évora, com um golo apenas a seu favor. E' de presumir que o solitário tento constitua fortuna de pouca valia, não sendo, portanto de estranhar que nestes vaticínios, se admita a sua derrota, ou, na melhor das hipóteses, se pense na realização do terceiro encontro para o necessário apuramento.

J. GRAIS

Coreia

A conferência
de armistício
prosseguiu hoje

PAN-MUN-JON, 27 — Começou às 11 horas locais a conferência plenária de armistício. O general Harrison, chefe da delegação das Nações Unidas, abriu a reunião com uma declaração em que atacou a proposta comunista apresentada no domingo pelo general norte-coreano Nam Il logo após o recomeço das negociações de armistício.

A rejeição pelos Sino-Coreanos, afirmou Harrison, da Suíça como nação neutra encarregada da guarda dos prisioneiros comunistas que se recusam a ser repatriados é «na verdade uma estranha recusa». «A argumentação comunista, acrescentou, não tem fundamentos». A vossa proposta — prosseguiu — de guardar os prisioneiros por um lapso de tempo indo até nove meses e até mais após a assinatura do armistício enquanto uma conferência política procurará dispor deles, é completamente oposta à nossa concepção de solução rápida».

O general Harrison concluiu dizendo aos Sino-Coreanos que a sua proposta em seis pontos «não é nem razoável nem construtiva, mas sim desrazoável e obstrutiva».

A pedido dos comunistas, a sessão foi levantada. A próxima realiza-se amanhã, às 11 horas locais. — (F. P.)

Uma sugestão do «N. Y. Times»

NOVA YORK, 27. — O «New York Times» sugere hoje que as Nações Unidas estabeleçam uma acção a desenvolver em caso dos comunistas se recusarem em Pan-Mun-Jon a quaisquer concessões. Salienta que um dos meios de acção seria libertar directamente os prisioneiros de guerra que não queiram ser repatriados para território comunista. Tal acção poderia ter violentas reacções, diz aquele jornal, mas teria o valor de constituir uma ameaça que as Nações Unidas poderiam utilizar com vantagem. — (F. P.)

Vulcão em actividade

11 mortos e 100 feridos

TOQUIO, 27 — O vulcão da ilha Kiu-Siu, o Aso, entrou em erupção por volta do meio-dia (hora local). Morreram 11 pessoas e há 100 feridos. Sobre todas as regiões próximas o vulcão lança pedras que chegam a ter o volume duma cabeça humana. — (F. P.)

ECZEMAS

Tratam-se com **PIODERMOL**, medicamento de resultados magnificamente comprovados. Líquido de aroma agradável, que não mancha. A venda nas boas farmácias. Dep. P. SIDUS — Rua de S. Paulo, 108, Lisboa.

COLÓNIA BRASILEIRA

O Bar Dancing Cristal orgulha-se de poder apresentar esta noite a grande artista brasileira ALZIRINHA CAMARGO e espera que a distinta colónia lhe tribute a homenagem que ela merece como grande divulgadora da música da sua terra em quase todos os países do Mundo.

RESTAURANTE

RUA:
PRIMEIRO DE DEZEMBRO
42

MENU:
ACEPIPES ou SOPA
FILETES DE PESCADA
CHURROS à MARIANEIRA
COSTELETAS SOUTÉ com
ESPARGOS
MIXED GRILL
PUDING ou FRUTA ou
QUEIJO
40\$00

DIARIAMENTE:
JANTAR CONCERTO
SEM AUMENTO DE PREÇO

A tendência do sufrágio

nas eleições municipais francesas

PARIS, 27 — Às primeiras horas da manhã, o ministro do Interior expôs à imprensa o resultado provisório das eleições municipais. «Confirma-se, indicou, que estas eleições comportaram número de abstenções muito menos elevado que as consultas eleitorais precedentes». O sentido geral do escrutínio caracteriza-se, segundo o ministro, por um recuo generalizado e profundo da UPR (partido do general de Gaulle) e um recuo mais limitado do Partido Comunista nas localidades rurais. Este recuo das extremas faz-se em proveito dos independentes e camponeses nos departamentos rurais e, de maneira geral, em proveito das formações que participaram nas listas de união. Os radicais foram beneficiados no Sudoeste e no Centro-Oeste. Além disso, a União das Esquerdas Republicanas melhorou algumas das suas posições no Eure e nos Alpes Marítimos. O MRP obteve ganhos na Bretanha e Alsácia. Mantém-se no conjunto das regiões onde já tinha posição firme. A SFIO mantém as suas posições no conjunto.

Seguidamente, Charles Brune deu indicações sobre os resultados por regiões. Disse que em Paris o Partido Comunista parece capaz de se manter tanto em votos como em lugares, registando até ligeiros ganhos em detrimento dos socialistas. O MRP mantém as suas posições e a UPR regista grande perda de votos e lugares em proveito da UER e dos Independentes. Na região parisiense, os comunistas registam no conjunto pequenas perdas. A SFIO progride ligeiramente, o MRP fica estável e a UPR perde em proveito dos Independentes e UER. — (F. P.)

Algumas individualidades eleitas

PARIS, 27 — O antigo presidente do Conselho Antoine Pinay foi reeleito para a vereação de Saint Chamond (Loire). A sua lista obteve 20 lugares, a dos Comunistas 5 e a do M. R. P. 2. Foram também eleitos ou reeleitos Edgar Faure e Henri Queuille, radicais socialistas e antigos presidentes do Conselho; Paul Ribeyre, do Grupo Camponês e ministro da Saúde Pública; Robert Buron (M. R. P.), ministro das Questões Económicas; Pierre Cot, republicano progressista aparentado com os comunistas e antigo mi-

nistro; André Cernu, (U. E. R.), secretário de Estado das Belas Artes; Pierre de Chevigné, (M. R. P.), secretário de Estado da Guerra; Pierre Courant, republicano independente, ministro da Reconstrução; Paul Coste-Floret, (M. R. P.), ministro de Estado; André Marie, radical socialista, ministro da Educação Nacional; Martinand-Deplat, radical socialista, ministro da Justiça, que não se candidatará.

Entre os candidatos eleitos ou reeleitos figura um centenário: Anselme Mathis, que entrou nos 102 anos e exerce as funções de presidente da vereação há 75 anos em Ehuns, departamento do Alto Saône. Roger de Lattre, de Tassigny, de 97 anos, pai do marechal, também foi reeleito. Há muitos anos presidente da vereação de Mouillères-en-Pareds (Vendeia). Entre os eleitos figuram também Maurice Genevoix, da Academia Francesa, e Lucien Baroux, conhecido comediante.

A percentagem de abstenções em Paris atingiu cerca de 26 %, enquanto nos departamentos se verificou uma média geral de 23 %. Na Argélia houve 45 % de abstenções em Argel, 37 % em Constantina e 27 % em Orão.

A contagem dos votos, devido ao complicado sistema de listas, é extremamente morosa nas comunas de mais de 9.000 habitantes, o que atrasa a comunicação dos resultados completos.

Os comunistas foram batidos em Oradour-sur-Glane, onde a vitória coube à lista de defesa dos interesses da comuna e dos sinistrados da localidade, agrupando independentes. A anterior edilidade da aldeia mártir era comunista.

Louis Terrenoire, secretário-geral da U. P. F., fez a seguinte declaração: «Os comunistas vêm à capital da França. Eis o facto brutal que somos obrigados a verificar e deplorar. Em 1947, graças à U. P. F., a situação era bem diferente. Mas era fatal que os êxitos da direita, conseguidos em detrimento da U. P. F., dariam vantagem à extrema-esquerda. Assim, a cegueira e o egoísmo dos que se dizem moderados, e que são na realidade reacconários, fazem novamente o jogo dos inimigos da nação». — (F. P.)

Moscou

Comentários
da Imprensa inglesa
ao artigo da «Pravda»

LONDRES, 27. — A Imprensa londrina comenta hoje largamente o artigo da «Pravda» em resposta ao discurso de Eisenhower.

Para o «Times», este texto é o mais sereno, mais claro e mais razoável da política soviética publicado desde há muitos meses. Acentua, contudo, que «desfaz as ilusões que se podiam ter no Ocidente duma retirada espectacular dos Soviéticos».

O «Daily Express» e o «Daily Mail» aproveitam a resposta russa para atacar John Foster Dulles, o secretário de Estado americano. O segundo destes órgãos considera a resposta russa «um passo mais no caminho da reconciliação», classifica a recente declaração da N. A. T. O. de «desastrada» e afirma que «os discursos de John Foster Dulles não arranjam as coisas».

O «Daily Express» ataca mais claramente ainda o conjunto da política americana. Escreve: «As aberturas russas, o presidente Eisenhower respondeu em 16 de Abril com um discurso moderado na forma, mas brutal no fundo. No dia imediato, John Foster Dulles pronunciou um discurso ainda mais brutal. Depois, o secretário de Estado fez uma série de declarações duma tal natureza que os Russos podem crer que os Estados Unidos não aceitam discutir senão a capitulação sem condições dos Soviéticos. Contudo, os Russos deram agora uma resposta surpreendente pela sua moderação ao discurso do presidente Eisenhower. É preciso, conclui aquele jornal, responder aos Russos oferecendo uma conferência tripartida e é preciso ir para essa conferência disposto a fazer concessões e a pedi-las». — (France Presse).

TURISMO

Roga-se a fineza, a quem tenha necessidade de viajar pelo País ou estrangeiro, que não o faça sem consultar preços em carros Hudson e Plymouth, com motoristas experimentados nestas viagens, falando inglês, com documentos sempre prontos. Telefone 126 Estoril. Garagem Alvarez.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

TEMPORADA DE OPERA DO ANO DE 1953 — COMPANHIA ITALIANA
Dia 29, quarta-feira, às 18, 30 horas — 13.ª «matinée» cultural e DESPEDIDA DA COMPANHIA ITALIANA com a ópera de C. Saint-Saëns

Sansão e Dalila

(Propriedade da Casa Durand & Cie.)

Artistas: Giulietta Simionatto, Ramon Vinay, Edgard Duarte de Almeida, Vito Susca, Fernando Corena, Mariano Caruso, Armando Guerreiro e Manuel Leitão

Maestro-director: FRANCESCO MOLINARI PRADELLI

Bailados pelo Grupo «VERDE GAIO»

Dia 1 de Maio, às 21 e 30 horas — Grande Concerto Extraordinário com a colaboração da ORQUESTRA SINFONICA NACIONAL, CORPO CORAL DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS e GRUPO DE BAILADOS «VERDE GAIO»

Bilhetes à venda

Telefone 2 1552

Dia 16 de Maio

INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA
de bailados com o

Grand Ballet
du
Marquis de Cuevas

ARNALDO CAMARINHA

PELEIRO — ARMAZENISTA
TODAS AS QUALIDADES DE PELES E CONFECÇÕES
VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

R. BRAAMCAMP, 6, r.c.

Telef. 45362

VIGNAC-BRANDY

FABRICA

ANCORA

LISBOA

A única e seu

ramo de industria

que é oficialmente

FORNECEDORA DA

PRESIDENCIA

DA REPUBLICA

em brandies

licores, xaropes,

espíritos e aper

itivos desde 1914.

TINTAS
DYRUP

A TINTA QUE PINTA

Fábrica de Tintas de Sacavém
SACAVEM Telef. 103 e 186